

ANNO XXXIII N 7-8/9 JULHO-AGOSTO/SETEMBRO 2016

# MARIÁPOLIS

Noticiário do Movimento dos Focolares

Poste Italiane S.p.A. | Specificazione in abbonamento postale DL 353/2003 (conv. in L. 27/02/2004 n.46) art.1, comma 2 e 3 | Aut. G.P.A. n. 10/012012 | taxa percipue | tassa riscossa Roma

*Verão com a JMJ*

**Uma experiência  
de Deus que  
continua**

**Síria**

Apesar de  
tudo,  
construtores  
de unidade

**Portugal**

Bispos em  
comunhão  
para a Igreja  
de hoje

# Aquele que recompõe a unidade

Na conclusão do ano dedicado à **Unidade**, apresentamos alguns trechos de um escrito de Chiara do livro **o Grito**<sup>1</sup>, que nos revelam o **Divino Artífice**

Jesus dissera no seu testamento: "Eu neles e Tu em mim, para que sejam perfeitos na unidade" (Jo 17,23).

Se Jesus estava *em mim*, se Jesus estava *no outro*, se Jesus estava em todos, seríamos, naquele instante, perfeitos na unidade.

Mas - repito - para que Jesus estivesse em nós devíamos amar Jesus abandonado em todas as dores, os vazios, os fracassos e tristezas da vida.

Se Jesus estava em mim e nos outros, ao encontrarmo-nos, reconhecíamos-nos um no outro e sentíamos-nos irmãos.

[...] Jesus Abandonado é o modelo daqueles que *amam a Deus* com todo o coração, com toda a alma, com todas as forças; é o modelo dos "apaixonados" por Deus. De facto, Jesus Abandonado ama a Deus precisamente quando Deus o abandona.

Jesus Abandonado é o modelo de quem deve estar *em unidade* com os irmãos. Com efeito, não posso entrar num outro espírito se o meu estiver rico. Para amar um outro irmão, devo constantemente ser muito pobre de espírito a ponto de não possuir nada, senão amor. E o amor é vazio de si. Jesus Abandonado é o

1 K. Rahner diz: "Tenho a impressão de que o Crucificado as tenha passado todas em revista, no momento em que, na cruz, exclamou sem ideologias pietistas: "Meu Deus, meu Deus por que me abandonaste?"..., subentendendo tacitamente, mas com ânimo generoso: "Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito" (Lc 23,46)" (K.RAHNER, *La grazia come libertà*, Alba 1970, p.267).



Índia, janeiro de 2001.  
Chiara Lubich com a Vinu Aran

© arquivo CSC-Media

modelo perfeito de um pobre de espírito. É tão pobre que não tem nem sequer Deus, por assim dizer. Não o sente.

Jesus Abandonado é o modelo da *rene-gação* e da *mortificação*. Ele, de facto, não está apenas mortificado em todos os seus sentidos externos, porque crucificado, mas está mortificado também na alma. Renuncia na alma ao que de mais precioso tem: a sua união com Deus. É a renúncia de um Homem-Deus a si mesmo.

É o modelo perfeito daquele que *perde a própria alma* em Deus. Modelo, por exemplo, das pessoas que devem renunciar às próprias ideias, e não só às ideias, mas também às inspirações da graça, para as submeter aos seus superiores.

É modelo, portanto, da verdadeira unidade com quem nos representa Deus. Como Jesus e o Pai são uma coisa só, assim, cada pessoa deve ser uma coisa só com o próprio superior.

Jesus Abandonado é aquele que ilumina os que esperam *contra toda esperança*. É o modelo daquele que *confia*: Confiai - dissera - "Eu venci

o mundo" (Jo 16,33). Na verdade, ninguém teve confiança maior do que Ele que, abandonado por Deus, confiou em Deus. Abandonado pelo Amor, confiou-se ao Amor.

Jesus Abandonado é o modelo de quem quer dar *glória a Deus*.

De facto, Ele, no abandono, anulando-se completamente a si mesmo, diz que Deus é tudo.

Jesus Abandonado é o modelo dos "mortos que morrem no Senhor" (Ap 14,13). De facto, Ele está misticamente morto e, como tal, morre também fisicamente em Deus.

Diz o Apocalipse: "as suas obras os acompanham". (Ap 14, 13). E a obra de Jesus foi a de ter dado ao Pai muitos filhos, regerando-os com a própria vida.

Se destacássemos *cada exortação* de Jesus feita no Evangelho, veríamos que Ele as viveu todas naquele momento.

Jesus Abandonado, naquele momento, revive em si a frase: "Quem não *deixa de lado* pai, mãe e até a própria vida..." (Lc 14, 26).

Jesus Abandonado pode repetir em si todas as bem-aventuranças.

Em Jesus Abandonado, resplandecem de modo singular todas *as virtudes*: a fortaleza, a

paciência, a temperança, a perseverança, a justiça, a magnanimidade...

Jesus no abandono mostra-se apenas homem. Portanto, jamais esteve tão *próximo do homem* como neste momento e, por isso, jamais o amou tanto. Ao mesmo tempo, jamais esteve tão próximo do Pai<sup>2</sup>. É por amor ao Pai que morre, e morre daquela maneira.

Por conseguinte, se no amor a Deus e ao próximo estão "a Lei e os Profetas" (Mt 7, 12), Jesus cumpriu plenamente aqui *cada desejo e ordem* de Deus.

Jesus Abandonado é, portanto, o *caminho direto* para a santidade porque realiza a unidade com o Santo.

Portanto, bastava olhar para Ele, viver como Ele cada momento e faríamos tudo.

Assim fizemos. E cada coisa se simplificou.

*Chiara Lubich*

<sup>2</sup> Jesus Crucificado, aparecendo a Catarina de Sena, depois que ela vencera com supremo esforço de vontade uma grave tentação, disse-lhe: "Filha minha Catarina, vê o quanto sofri por ti? Portanto, não te lamentes por sofreres por mim...". Mas ela: "Meu Senhor, onde estavas quando o meu coração estava atribulado por tantas tentações?" E o Senhor: "Estava no teu coração".(G.JOERGENSEN, Santa Caterina da Siena, Torino 1941, p.49).

## Novidade editorial

# Jesus Abandonado, Chiara Lubich

No ano 2016-2017, dedicado ao oitavo ponto da espiritualidade, a Cidade Nova publica "*Chiara Lubich – Jesus Abandonado*" compilado por Hubertus Blaumeiser. Através de páginas - em parte inéditas - tiradas de apontamentos, cartas, discursos, diários, este volume convida a reviver a descoberta de um Deus que não hesitou em fazer a si mesmo a maior pergunta de todas as perguntas: «Meu Deus,



meu Deus, porque me abandonaste?».

«Esperei vinte séculos para me revelar a ti. Se tu não me amares, quem me amará?», foi a pergunta que um dia Chiara Lubich

sentiu, interiormente, dirigida a si. Desde os inícios da sua aventura espiritual, ela tinha, de facto, pedido ao Crucificado: «Dá-me a paixão pela Tua paixão». Progressivamente descobriu, no grito de Jesus na cruz, o maior amor, a chave para a unidade, o rosto de Deus que mais toca a humanidade de hoje.

# Encontro dos Delegados da Obra Vão ser realizados três, para sermos mais "Um"

O encontro anual dos delegados da Obra, no Centro, este ano será realizado por três vezes:

- de 7 a 17 de setembro, para a América Latina, América do Norte e Oceânia;
- de 28 de setembro a 8 de outubro, para a África, Ásia e Médio Oriente;
- de 15 a 23 de outubro, para a Europa e Itália.

Mudou a forma, a estrutura e os participantes, de acordo com a nova configuração. Sobre isso, falamos com o Severin Schmid, a Maria Gabriela Melo e o Joseph Assouad, conselheiros, respetivamente, para a Europa, a América Latina e a África.

## Porque se pensou em fazer três encontros?

O objetivo principal dos três encontros é de fazer crescer a comunidade de cada uma das Grandes Zonas com o Centro, através de um conhecimento recíproco mais profundo da vida das respetivas Zonas. Por isso, o número dos participantes das Zonas será de cerca de cem em cada encontro.

Tudo nasceu da nova configuração que, na sua novidade, não podia deixar de trazer mudanças também na forma deste encontro. A nova configuração põe em relevo o modo como a Obra deve ser conduzida, a todos os níveis, por Jesus no Meio.

E por isso, este ano, foram convidados, juntamente com os Delegados, cerca de metade dos responsáveis das zonetas ou de algumas regiões, e algumas e alguns dos Conselheiros dos Centros Zona. No próximo ano, estarão presentes apenas os Delegados de Zona e, para 2018, está previsto um encontro semelhante ao deste ano, com os que não vêm desta vez. Desta forma, dá-se a oportunidade de virem ao Centro, de seis em seis anos, o maior número possível de dirigentes da Obra, das várias áreas geográficas. Atualmente, no Centro da Obra, cerca de 30 pessoas representam 22 nações e, por isso, as exigências e as sensibilidades de todo o mundo estão - se assim se pode dizer - ainda mais presentes. Com este modelo, procura-se fazer com

que também possam participar aqueles que vêm de Países mais distantes ou com menos disponibilidades económicas.

## **Podem dizer-nos alguma coisa sobre os programas que vão ser desenvolvidos?**

A estrutura é comum, mas os programas serão diferentes, de acordo com as exigências das várias Zonas. A preparação foi organizada pelos Conselheiros das Grandes Zonas, em conjunto com os Delegados de cada Zona. Cada encontro será uma oportunidade para olhar em conjunto - o Centro e os representantes das Zonas - para um continente ou uma região geográfica, para se chegar a ter uma visão, em unidade, sobre o modo de atuar e quais as respostas a dar como Obra una. E focalizar argumentos específicos: por exemplo, para as seis Zonas Latino-Americanas, esta é uma oportunidade única de comunhão com o Centro, e entre elas, para desenvolver a realidade do Continente. Com a África, além da dinamização de sinergias, entre as várias Zonas, para continuar a "sair", procurar-se-ão novas estratégias de inculturação, no seguimento do encontro, em maio, com a Emmaus e o Jesús. Para a Europa, está programada a emergência dos refugiados, o diálogo com o Islão, e também a unidade do Continente...

Na elaboração do programa estiveram muito presentes as prioridades da Obra, oriundas da última Assembleia. Queria-se recolher as experiências já feitas e dar incentivo a novos caminhos para se "sair, juntos e mais preparados".

Cada encontro começará com dois dias de reunião plenária, com muita comunhão, para que todos possam conhecer bem a vida das Zonas e do Centro. Com a realidade que este ano vamos viver, com particular intensidade, Jesus Abandonado. Com o

aprofundamento da nova configuração sobre os vários aspectos, um dos quais é a reforma da Igreja, implementada pelo Papa Francisco. Também a Igreja Católica está a fazer a experiência que estamos a viver com a nova configuração, de um certo modo, mas não só.

Os dias seguintes serão dedicados aos encontros das Zonas com as várias realidades do Centro, e às temáticas específicas das regiões geográficas presentes no encontro.

Está previsto que, seguidamente, cada Grande Zona se encontre com a Emmaus e o Jesús. Todo o Conselho Geral estará presente nos primeiros dois dias e nas conclusões dos três encontros.

## **Aqui, no Centro, como está a decorrer a preparação?**

Antes de tudo, estamos a procurar fazer cada coisa em unidade plena entre todos os Centros, muito conscientes da diversidade das Zonas, que vivem em sociedades e povos com desafios muito diferentes. Estamos a preparar-nos para receber todos com o amor de Chiara, de modo que se sintam em família, em casa, indo o mais possível ao encontro das suas necessidades, mesmo as mais práticas. Este clima de Jesus no Meio ajudar-nos-á, sem dúvida, a compreender como e onde atuar, quais as dinâmicas a enfrentar para nos aproximarmos cada vez mais do «*Ut omnes*». Outro aspecto em que estamos empenhados é a formação, como foi sublinhado na Assembleia.

Esperamos conseguir fazer uma forte experiência de unidade que se possa multiplicar no mundo.

*Ao cuidado da redação*

Na Mariápolis on-line  
[www.focolare.org/notiziariomariapoli](http://www.focolare.org/notiziariomariapoli),  
os encontros podem ser seguidos todos os dias, em várias línguas.



## De Cracóvia ao mundo

# Uma rede que continua

**Um testemunho de alguns gen e jovens polacos  
a propósito da JMJ, que os viu como protagonistas**

Em Cracóvia, a Jornada mundial da juventude (JMJ) já pertence à história. Os peregrinos voltaram para as suas casas, a vida da cidade retomou o ritmo quotidiano. No entanto, é preciso dizer que aquela experiência continua. Quem de nós poderá contar as amizades, as conversões, as experiências e testemunhos de amor, de fé, misericórdia e unidade que nasceram naqueles dias? O Papa Francisco tocou muitos corações com o chamamento a levantar-se da poltrona e a não se reformar antes de começar o verdadeiro trabalho. E, quem precisava de um "objetivo", de uma confirmação ou de uma luz para o seu caminho, deixou-se interpelar. Agora resta-nos agir e veremos, sem dúvida, os próximos frutos. Achamos que foi um período de muitas graças. Todos os dias tivemos muitas ocasiões para encontrar Deus e o próximo: catequeses nas paróquias, Festival da juventude, encontros com o Papa Francisco, vigília...

Um dos eventos da JMJ mais esperados por nós, jovens do Movimento dos Focolares na Polónia, foi organizado no âmbito do

Festival da juventude. Queríamos que, juntos, nos deixássemos «apanhar» na rede da misericórdia. Mais de mil pessoas no átrio de um clube desportivo de Cracóvia, no dia 27 de Julho, construíram esta rede connosco. Foram quatro horas de festa, de fé e de Espírito Santo, vivendo com Deus e por Deus. Na primeira parte, propusemos aos presentes que se inserissem numa das nossas iniciativas de oração em comum, que já realizamos na Polónia há mais de seis meses, na qual se estabelecem relacionamentos com muitos, precisamente através da oração.

Na segunda parte do encontro, com um programa de música e dança, meditámos sobre as obras de misericórdia espirituais e corporais. Lemos alguns textos de Chiara Lubich e testemunhos de vida, que nos ajudaram muito. A adoração ao Santíssimo Sacramento, acompanhada pelo Gen Rosso, foi o ponto culminante do evento.

**Uma impressão:** «Na fila para as refeições, no



cansaço das caminhadas, apercebemo-nos que havia uma busca de amor. Alguns de nós podiam sentir-se assustados pelas diferenças; outros apercebiam-se que, no fundo, somos iguais porque partilhamos os mesmos valores e aprendemos a amar o outro apesar das suas ideias, apesar daquilo que nos divide.

Cada um de nós teve uma prova de resistência pessoal: sobretudo na preparação do Festival da juventude. Foi uma ginástica para viver cada momento com a mesma intensidade "não importa o como, onde ou se", durante os ensaios, a exibição,

a oração... "Não tinha considerado que estava no programa a participação na Eucaristia de domingo, em Brzegi, e foi um momento fundamental. Encontrei-me lá graças à Providência, que guia e sugere: vai aqui, depois ali...e percebi que, se eu ficasse sempre à escuta desta voz, poderia ser assim durante toda a minha vida". Cada momento trazia consigo uma graça para cada um pessoalmente e para toda a Cracóvia. Agora a experiência pode continuar! Um nosso amigo escreveu: "eu não voltei, eu fiquei!".

*Ao cuidado das e dos gen da Polónia*

## "You God/t me"

**Uma escola após a JMJ, para mais de 600 jovens nos montes Tatra, na Eslováquia**

«Uma JMJ é um acontecimento importante para todos os jovens, mesmo para os da Obra! E porque não fazer algo depois da JMJ para todos os que nela participam? E porque não fazê-lo nós mesmos na Eslováquia, nos montes Tatra, a duas centenas de quilómetros de Cracóvia?».

Foi este o colóquio entre dois sacerdotes (um argentino e um eslovaco), há dois anos, durante uma escola para jovens do Movimento Paroquial e Diocesano. Pareceu-nos uma boa ideia e, contactando a Zona da Eslováquia, encontrámos uma adesão total. Queríamos, no entanto, que fosse para todos os jovens da Obra. E, falando com o Centro, relativamente a todas as realidades juvenis, lançámo-nos: uma Escola pós JMJ para todos os jovens da Obra, sem distinção de vocação e empenho.



À medida que se prosseguia na preparação, iniciada em junho de 2015, vinha em relevo a fisionomia desta Escola: partir das palavras do Papa para aprofundar a própria fé, o relacionamento com Deus, consigo mesmo e com o outro. Nasceu o título: *You Got(d) me*, com um significado duplo (*Tu – Deus ou então Raptaste-me*): uma evocação às montanhas, onde Deus nos rapta para nos falar de Si!

Surgiu a ideia de convidar um teólogo (Michel Vandeleene), um filósofo (Gianluca Falcone) e uma psicóloga (Antonella de Ponte), para ir em profundidade sobre as temáticas propostas. E lá fomos!



A adesão dos jovens foi entusiástica: tínhamos 400 lugares e inscreveram-se 650, entre os quais um grupo de 50 ortodoxos da Roménia, com os quais já há tempos que colaboramos; evangélicos e alguns que se declaram não crentes, apesar de saberem que se ia falar de Deus, de Jesus e que se iria propor fazer uma experiência de vida baseada no Evangelho! Estavam presentes também cerca de trinta seminaristas.

Alguns de nós, durante os trabalhos de preparação, tinham falado com o Bruno Venturini, que desejou que fosse um «triumfo de Deus». E os rostos dos jovens, as impressões, as experiências partilhadas fazem-nos dizer que foi mesmo assim. Alguém disse: «Foi um triunfo de Deus. Foi a Escola mais bonita da minha vida».

Tratando de cada pormenor com um amor atento, a Zona da Eslováquia preparou tudo para que esses dias permitissem aos jovens (entre os 16 e os 30 anos, de todo o mundo, com 13 línguas

diferentes) fazer uma experiência de unidade entre eles e com Deus. Para alguns deles era o primeiro contacto com o Movimento. A apresentação foi confiada a quatro jovens (uma gen, um empenhado paroquial, um gens e uma jovem romena ortodoxa). Com todos os presentes, vivemos uma experiência de comunhão profunda, enraizada na vida da Palavra, que cada um se empenhou a viver, para que fosse Jesus no meio do nosso único Mestre, como nos tínhamos proposto no primeiro dia.

A maioria dos jovens vinha da JMJ, tocados por aqueles dias vividos com o Papa e, portanto, preparados, ou melhor, desejosos por fazer esta experiência. Os discursos do Papa Francisco acompanharam-nos e relacionavam-se com os conteúdos propostos.

Foram numerosas e significativas as mensagens de saudação de personalidades religiosas e civis da Eslováquia, entre as quais o Núncio e o presidente da Conferência episcopal. Estavam presentes o Sr. bispo encarregado da pastoral juvenil e o Presidente da Câmara local, que nos apoiou e ajudou a fazer a Escola.

Havia um grupo de animadores que estava com os jovens: focolarinos, focolarinas, sacerdotes e empenhados. Conhecemo-nos, ouvimo-nos em profundidade, fazendo uma experiência de comunhão que achamos preciosa para nos por-mos juntos ao serviço das novas gerações. Esta unidade sustentou a Escola: inúmeros colóquios, confissões, momentos de diálogo durante as refeições, onde estes jovens, realmente sequiosos,



## O que quero fazer da minha vida?

**Depois da JMJ, 140 jovens em Cracóvia, seguindo o «chamamento pessoal»**

Ir a fundo na descoberta do chamamento de Deus e na resposta a dar-Lhe, que se concretiza numa vocação pessoal, foi o desejo que levou mais de 140 jovens a permanecer, depois da participação na JMJ, em Cracóvia. Alguns deles vinham das escolas gen de Loppiano, outros de vários países da Europa e um bom grupo da República Popular da China. Com alguns deles fizeram-se os esboços do programa: Deus, único ideal da vida; o chamamento a segui-Lo; a riqueza de testemunhos autênticos e radicais na Bíblia, na história da Igreja e até aos nossos dias, o chamamento ao focolar... De tudo vinha em evidência o convite a «ser outro Jesus».

Foram muitos os momentos fortes: uma tarde visitaram o campo de concentração de Auschwitz e - escreveu um dos presentes - «Confrontar-se com esta realidade foi descobrir como o “sim” a Deus, numa vocação pessoal, leva a ver os sofrimentos dos outros, a fazer parar o mal e a deixar entrar Deus, neste mundo que sofre pela Sua ausência, levando muitos focolares (no sentido amplo) ao mundo, para serem luzes».

«O programa foi muito bonito – comentou um dos participantes – preciosas as experiências partilhadas, um crescente no aprofundar o chamamento de Jesus». «Nestes dias ressoava-me dentro: “Não foram vocês que me escolheram, mas fui Eu que vos escolhi”. Ele é o meu Senhor e não me quer como servo, mas como irmão. Não devo ter medo, Ele me guiará» «Muitas vezes perguntei a mim próprio qual é a minha missão, qual seria a minha vocação, neste mundo – concluiu outro –. Nestes dias sinto de um modo forte que a minha missão é mesmo a de Jesus = levar Deus ao mundo».

*Pilar Fernandez, Magnus Mentzel*

puderam abrir-se, pedir conselho, contar de si. Estavam também presentes o Cyril e a Katka da Eslováquia (casados), que aprofundaram a «teologia do corpo». Uma jovem disse: “Cheguei aqui com uma imagem errada do amor; estou feliz por poder recomeçar do princípio».

Cada noite havia uma festa. Uma das quais foi aberta à cidade e não podia faltar uma caminhada no monte Chopok, e noutros, dos mais altos da região.

Foi muito forte o momento de adoração no qual, baseando-se nas palavras do Papa, os jovens fizeram uma longa comunhão, expressando a enorme alegria e comoção pelo que estavam a viver.

Na última manhã, encontrando-nos entre focolarinas, focolarinos e sacerdotes, irradiava a alegria por este momento de partilha e o desejo de se ser cada vez mais unidos, a trabalhar juntos para as novas gerações. Alguém disse: «Já não podemos voltar atrás». Nasceu a ideia, que todos apoiaram logo, de tornar fixo este encontro, depois das JMJ.

Uma impressão entre as muitas: «Todas as coisas bonitas passam rapidamente, como foi com estes dias. Ontem, na adoração, pareceu-me estar cá já há semanas...Foi um verdadeiro retalho de Paraíso. Quando descer da montanha será difícil, mas estou impaciente por o fazer para poder dar aos outros tudo o que recebi aqui».

*Ao cuidado das realidades juvenis no Centro da Obra*



## Bispos

# Quando os irmãos moram juntos...

**Encontro «Efesino» 2016, em Braga, Portugal**



© Seg/ies

Imaginem um hotel que se transforma em «casa», graças à vida de um Bispo amigo do Movimento e à comunidade da Obra da sua região e da sua cidade. E imaginem cerca de sessenta membros da hierarquia da Igreja Católica, entre os quais quatro Cardeais, a passarem juntos dez dias, sem nenhuma formalidade, sem «excelências» ou «eminências», irmãos e amigos, com as mais variadas responsabilidades sobre os ombros, muitas vezes difíceis, mas numa atitude simples e alegre. E estes amigos, com uma cor de pele tão diferente, conversam, divertem-se, ouvem-se mutuamente, passeiam, refletem, partilham... e, de dia para dia, sentem-se mais aliviados dos pesos que carregam e cheios de uma nova esperança. Foi o milagre que também este ano realizou o «Efesino», o encontro de verão dos Bispos que, profundamente empenhados no carisma da unidade, querem, com a Obra, reviver de algum modo a experiência do apóstolo João com Maria, em Éfeso.

O local em que assistimos a este «espetáculo» é o hotel João Paulo II, ao lado do Santuário de Nossa Senhora do Sameiro, com vista sobre a cidade de

Braga, e que fica situado sobre as colinas que rodeiam a cidade, como se fosse uma varanda.

O Arcebispo desta Diocese que, por causa de uma tradição antiga, tem o título de «Primaz das Espanhas» é, desde há 17 anos, D. Jorge Ortiga, mas aparentemente parece mais propenso ao primado da caridade. No dia a dia faz vida comum com os seus Bispos auxiliares, e um bom número deles é, agora, responsável por outras dioceses portuguesas. Nestes dias, pelo contrário, não perde a oportunidade de oferecer aos seus irmãos, vindos de 27 países, muitos sinais de uma delicada e atenta hospitalidade que sabe aproveitar, com sabedoria, as especialidades do País, desde o *vinho verde* ao *bacalhau*.

Férias para Bispos, então? Se fosse só isso, não seria necessário fazer viagens intercontinentais. O facto é que todos os que vieram são a "alma" de uma série de reuniões e conferências de Bispos, também de inspiração ecuménica, que se realizam ao longo do ano, da Ásia e do Médio Oriente à América Latina. Mas, em primeiro lugar, dão o seu melhor para promover a colegialidade episcopal e a Igreja-comunhão, no local onde vivem. Não é de admirar, por isso, que sintam necessidade - depois





de um ano em que muitas vezes se encontram bastante sós, ou mesmo isolados - de passarem algum tempo juntos, para restabelecer a experiência inicial de vida com o Ressuscitado, no qual se inspiram. E também partilhar o que viveram a nível pessoal e nas suas dioceses, e descobrir uma nova luz para interpretar as situações, muitas vezes complexas e contraditórias, nas quais se encontram a trabalhar. Trata-se de descobrir meios para uma pastoral que tenha o povo de Deus como «sujeito» e não como «objeto», e que saiba abrir-se ao diálogo até com quem não acredita ou professa uma religião diferente.

Uma expectativa que, também desta vez, não deixou de se verificar. Para intervir nas sessões conjuntas, estiveram presentes peritos de valor indiscutível no seu campo de ação, como o Pasquale Ferrara que dissertou sobre «O cenário do mundo atual», ou o Piero Coda com «A reforma da Igreja, no trilha do Papa Francisco». A Emmaus Voce e o Jesus Morán estiveram presentes durante três dias, e falaram, respetivamente, sobre «Jesus Abandonado, janela de Deus e janela da Humanidade» e sobre «O génio eclesial de Chiara Lubich». O Paola Loriga e a Cecilia Capuzzi, Josyane (Pace) Nasr e o António Borges, do Centro da Obra, exemplificaram como o Movimento vai ao encontro dos desafios atuais no seu percurso e responde aos da humanidade e da Igreja, ou melhor, das Igrejas e das religiões. A seguir a cada uma das apresentações, estabeleceu-se um diálogo com os oradores.

O que é ser Bispo hoje, perante estes cenários, e como o deve ser com o carisma da unidade? Foi

a questão que se colocou, ligando via webEx, a partir de Rocca di Papa, ao Arcebispo de Aquila, D. Giuseppe Petrocchi que, como muitos dos Bispos presentes, conheceu o Ideal quando ainda era um gens. Ele estudou em várias áreas e, ao mesmo tempo, exerceu a pastoral, primeiro em Ascoli Pisceno, onde, com Chiara, deu início ao Movimento Diocesano, e depois foi Bispo de Latina. O Bispo - explicava ele - deveria, ao mesmo tempo, frequentar Belém, Nazaré e Éfeso: em Belém nasce como discípulo de Jesus, em Nazaré adquire formação, em Éfeso aprende a pôr em prática o seu ministério com a alma de Maria. Aquela que, como mais ninguém, foi completamente fiel a Jesus. Daqui poderia nascer uma autêntica cultura pastoral.

Várias experiências são a resposta a esta intervenção: D. Brendan Leahy da Irlanda contou como, através de um Sínodo Diocesano, iniciou um caminho de co-responsabilidade e de discernimento comunitário. D. Lazzaro You fez referência a encontros trimestrais de comunhão com um número considerável de Bispos da Coreia. D. Antonio Tosi, do Brasil, explicou como na sua Diocese conseguiu desenvolver a interação entre as comunidades eclesiais de base e os Movimentos e as novas Comunidades, que antes ficavam à margem ou até faziam resistência. D. Gerard Alminza, das Filipinas, procura ser, para os seus sacerdotes, não só um pai, mas também amigo e irmão, e assim pode contradizer alguém que tinha profetizado, na altura da sua nomeação: «Daqui em diante farão com que comas bem e já não te dirão toda a «verdade».

Estas e muitas outras experiências serão aprofundadas e desenvolvidas futuramente, também com a ajuda do Instituto Universitário Sophia que - como o Piero Coda anunciou - se está a preparar para poder disponibilizar cursos de atualização teológico-pastoral, segundo o espírito da carta Apostólica *Evangelii Gaudium* do Papa Francisco.

Durante dois dias, estiveram também em Braga três Bispos de outras Igrejas: Eberhardt

Renz (Luterano alemão), Åke Bonnier (Luterano sueco) e Mor Theophilose (sírio-ortodoxo, da Índia).

Abriam-se novos horizontes. Ao convite para uma tarde de encontro, responderam sete Bispos de Portugal. A última noite foi passada com

as comunidades da Obra do Norte do País que, depois de um jantar ao ar livre, no estupendo parque do Santuário do Bom Jesus, ofereceram aos Bispos um breve programa musical. Muito mais que as palavras falou o seu modo de ser, e



O card. Francis Xavier Kriengsak K. com o bispo luterano sueco Åke Bonnier

com que força de convicção!

Nestes dias estávamos muito felizes. Vivemos como irmãos. Sentimo-nos livres e pudemos abrir o coração uns com os outros. O único Mestre esteve realmente entre nós. As três prioridades que, desde há um ano,

nos acompanham: crescer na vida de focolar; ser «Bispos Maria» na Igreja de hoje; e viver com a Obra para o «Ut omnes», são a garantia e a ajuda para o nosso caminho futuro.

*card. Francis Xavier Kriengsak Kovithavanij*

## Novidade editorial

# Um encontro fecundo entre cultura e carisma



Este ano, ao longo de vários meses, o Centro Chiara Lubich dedicou-se à reconstrução das várias fases que levaram às decisões académicas para conferir a Chiara Lubich o doutoramento *h.c.*, por parte de várias Universidades de todo o mundo, e reunir os discursos académicos pronunciados durante cada cerimónia, para poder oferecer - num só volume - a documentação científica correspondente. Para encontrar essa documentação, além de consultar o Arquivo Chiara Lubich, retomaram-se ou reforçaram-se os contactos - também através de pessoas do Movimento *in loco* - com os Reitores das Universidades interessadas, do Extremo Oriente às Américas, passando pela Europa.

Assim, a vinte anos de distância do primeiro doutoramento *honoris causa* em Ciências Sociais, conferido a Chiara Lubich pela Universidade Católica de Dublin, finalmente saiu - com a colaboração do Instituto Universitário Sophia - uma obra que reúne os documentos dos dezasseis doutoramentos *h.c.* oferecidos a Chiara, desde 1996 a 2008, como reconhecimento do carisma da unidade<sup>1</sup>. O volume - ao

cuidado da Florence Gillet e Rosalia Parlapiano, com o prefácio do Piero Coda - ilustra um encontro fecundo entre cultura e carisma: dezasseis Universidades reconheceram a dádiva que ele oferece à reflexão do pensamento e quiseram, com a atribuição do Doutoramento, dar visibilidade e inseri-lo no próprio património, confirmando, de certa maneira, a função que o paradigma da unidade pode ter para as várias disciplinas. É significativa a variedade de Faculdades que reconheceram o contributo do carisma: desde as Ciências da comunicação à Teologia, da Economia à Arte, da Filosofia às Ciências Sociais.

Por conseguinte, a nova publicação oferece um instrumento, a quantos desejam conhecer melhor qual é o impacto do carisma no mundo contemporâneo e contribuir para a difusão de uma cultura de paz, de fraternidade e de unidade.

*Alba Sgariglia, João Manoel Motta*

<sup>1</sup> Centro Chiara Lubich, em colaboração com o Instituto Universitário Sophia. *Doutoramentos Honoris Causa conferidos a Chiara Lubich. Città Nuova, junho de 2016*



## Tongasoaeto Madagasikara Benvindos a Madagáscar

Viagem a Madagáscar de Juanita Majury e Joseph Assoud,  
conselheiros para a África, no Centro da Obra



23 milhões de habitantes, que é uma das mais pobres do mundo: a maioria vive com menos de dois euros por dia. É famosa pelas especiarias, especialmente a baunilha. A principal base da economia é a produção de arroz.

Em duas semanas visitámos as comunidades de Antananarivo, Antsirabe e Ambatondrazaka. Não nos é fácil pronunciar os nomes das cidades. No tempo que lá estivemos não conseguimos aprender a dizer mais do que «Salama» (olá) e «Misotra» (obrigado).

À chegada a Antananarivo, antes mesmo de mostrar os passaportes, fomos acolhidos por uma voz amiga: «São do Focolar?». O calor da família de Chiara, espalhada pelo mundo, envolve-nos imediatamente, por meio de um dos «nossos» que trabalha no aeroporto e se oferece para nos ajudar nas formalidades. Calor que aumenta com o pequeno grupo lá fora à nossa espera.

Madagáscar é uma das maiores ilhas do mundo (é maior que a França). Tem uma natureza original, animais e flores que não se encontram em outros locais. Tem uma população de

Um dos primeiros encontros foi com alguns Bispos, entre os quais Mons. Désiré Tsarahazana, presidente da Conferência episcopal, e Mons. Antonio Scopelliti o qual, juntamente com a irmã Luciana, é um dos pioneiros da Obra no País. Conhecemos adultos e jovens. Pudémos apreciar o seu empenho em formar-se no ideal da unidade e o desejo de o difundir como um tesouro aos outros. Impressionou-nos o carácter aberto e a beleza deste povo, que tem um marcado sentido de harmonia e grande sensibilidade musical: frequentemente entoam espontaneamente cantos tradicionais



a três vozes, que se fundem em melodias sublimes. São muito vivos o Movimento gen e Famílias Novas. Em **Antananarivo** os gen e as gen animaram a Semana por um Mundo Unido com diversas atividades, como visitas à prisão e um concerto; parte da receita das entradas serviu para ajudar a viagem das famílias que participaram na Escola para a inculturação, que se realizou na Mariápolis Piero (no Quênia).

Visitámos **Antsirabe**, onde há um focolar feminino, inserido numa comunidade empenhada em dar testemunho dos valores evangélicos. Ouvimos experiências realmente tocantes, contadas por pessoas de todas as idades. Foram mesmo as crianças que nos pediram para falar de Jesus Abandonado. Das cartinhas para a Emaús retirámos estes dois exemplos: «Sofri muito quando o meu papá foi para a prisão. Amei Jesus nele. Assim não chorei à frente dele quando íamos visitá-lo» (Miora, 7 anos). «Uma coisa que me fez sofrer foi um dia em que a mamã tinha muito que fazer no trabalho e só vinha a casa ao sábado. Procurei ajudar os meus irmãos pequeninos» (Johane, 6 anos).

Minosoa, uma gen3 de 14 anos, de Antsirabe, conta: «Comecei a ajudar uma menina a estudar. Pouco tempo depois também ela começou a ter boas notas. Tornámo-nos verdadeiras amigas. Mas, na escola, alguns rapazes começaram a distribuir álcool, primeiro, e depois droga.

Infelizmente também ela foi apanhada. Dei-me conta de que estava a correr um grande perigo. Com a ajuda de outros amigos, falei com ela, pondo-me de acordo com Jesus para que as minhas palavras fossem só amor. Mesmo se num primeiro momento ela tenha aceitado, começou depois a não querer estar mais nem comigo, nem com os outros nossos amigos.



Dei ainda um outro passo, e pedi-lhe desculpa, se tinha dito ou feito alguma coisa que a tivesse ferido. O mesmo fizeram também os outros. No final reencontrou-se a harmonia e aqueles casos de droga e álcool

foram resolvidos pela escola. Senti que tinha sido Jesus Abandonado a dar-me a força de ir contra a corrente, procurando salvar também as minhas amigas. Agora uma delas é uma gen3 e, juntas, temos a grande força de Jesus no meio de nós».

Após dois dias de viagem, chegámos a **Ambatondrazaka**, o berço do Ideal e sede dos dois centros-zona. Com todas as comunidades tivemos ocasião de partilhar a experiência de luz do *Paraíso de' 49*. «Viajámos» naquela extraordinária experiência que Chiara Lubich e Foco viveram. Todos se sentiam 'em casa', construídos a partir de dentro para se poderem lançar para fora e viver para que «todos sejam um», também no Madagáscar. Duas impressões: «Mesmo se o tempo foi breve, parece-me que conseguimos receber todas aquelas graças que Deus nos queria dar. Uma nova luz ilumina o nosso caminho, pessoal e comunitário»; «... viver para a unidade faz-nos viver no Paraíso. No Madagáscar existem muitas dificuldades. Cabe a nós levar a unidade e construir assim o Paraíso também nesta Terra».

Juanita Majury, Joseph Assouad

# Famílias focolar

## Ubuntu, ser felizes juntos

**Maria e Raimundo Scotto, responsáveis das famílias-focolar no Centro, e Amadeu e Rosaline Jamba, família-focolar de Angola, contam as suas impressões depois da experiência vivida no Quênia, em contacto com a riqueza das famílias de diversos Países de África**

No passado mês de maio, quando a Emaús, Jesús e uma delegação do Centro da Obra fizeram a sua primeira viagem a terra africana, também nós do Centro internacional de Famílias Novas estivemos na Cidadela Piero (Quênia). Éramos três famílias: os Scariolo, os Salerno e nós. Foi uma experiência inesquecível. Os povos deste continente, presentes na cidadela, revelaram-se aos nossos olhos em toda a sua beleza. A participação na Escola para a inculturação, cujo tema era precisamente a família, e o retiro com as famílias-focolar permitiram-nos conhecer em profundidade muitas tradições, nas quais descobrimos muitas «sementes do Verbo».

A Escola para a inculturação foi útil para todos: para os que provinham dos diversos Países daquele continente, para tomarem ainda mais consciência dos valores de que são portadores; para nós, famílias europeias, para conhecer o dia-a-dia de tantas famílias africanas. Em todos saiu reforçada a convicção, que a Emaús e o Jesús sublinharam, de



que a África pode ser porta-bandeira, para voltar a dar ao mundo secularizado o ubuntu (o ser felizes juntos), a família unida e aberta e a sua indispensável relação com Deus.

Estavam presentes também 24 famílias-focolar. Algumas, transferidas para localidades afastadas dos respetivos focolares, desenvolvem a Obra de Maria como um verdadeiro focolar. Era comovente o seu sofrimento pela enorme distância do focolar, aonde podem ir apenas uma ou duas vezes por ano, devido ao elevado custo das viagens de avião. Apesar disso, esforçam-se por viver em plenitude a vida de unidade, tendo sempre acesa a presença de Jesus no meio nas suas famílias.

Há também famílias-focolar que, mesmo não se tendo transferido, vivem longe dos focolares: famílias heróicas, famílias pioneiras com os seus filhos naturais e, frequentemente, com muitos filhos adotados, também. Parece-nos que seria importante suscitar uma nova



comunhão de bens mundial para acorrer às suas muitas necessidades.

No dia dedicado ao retiro das famílias-focolar na Mariápolis Piero, participaram também a Emaús e o Jesús. Num diálogo abrangente, abordaram temas importantes: como realizar bem o trabalho para a Obra, em particular as viagens de apostolado, sem pesar demasiado na economia familiar; como harmonizar o desejo de levar o ideal da unidade a muita gente, tendo em conta que é importante também proteger a intimidade da família; como formar-se cada vez melhor para responder às exigências do território.



## Família, imagem da Trindade

África, família, cultura. Diríamos mais: Jesus africano. Antes, parecia uma profecia. Agora, esta profecia torna-se realidade, uma realidade que se vive, se sente, se toca. É este o sentimento que nos enche. Arde no nosso peito, como um fogo que se vê. Definitivamente, é uma revolução de fogo. Fogo que queima, mas deixa vida, vida abundante.

Após estes dias vividos na Mariápolis Piero compreendemos – como dizia Piero Pasolini, o nosso antepassado – que somos uma semente criada para ser lançada à terra, morrer e apodrecer, para gerar frutos em abundância.

Nestes dias falou-se de família. A família que, em África, contém ainda muitos valores que fazem da África um contentor, uma das reservas culturais para o mundo. Todavia, são muitas as portas e janelas, abertas de par em par, que deixam entrar o lixo cultural, os contravalores. Mesmo assim, estas portas e janelas

Até à vista, África! Ensinaste-nos a esperar apesar de tudo; a arregaçar as mangas para trabalhar com renovado ardor por um mundo mais justo; a não nos deixarmos entorpecer pelo consumismo. Doze dias, uma forte experiência de Deus que nos proporcionou intuir, pelo menos um pouco, o seu plano sobre povos portadores de tradições importantes e prontos a escutar a voz de Deus.

*Maria e Raimondo Scotto*

são uma nova oportunidade para conhecer os sofrimentos da humanidade e para os transformar, com o amor a Jesus Abandonado.

Uma outra coisa nos ficou muito fortemente gravada no coração: Deus fez a família à imagem e semelhança da Santíssima Trindade: Pai – Filho – Espírito Santo. Que lugar sacro! Não nos devemos encher de orgulho, como disse justamente a Emaús, mas agradecer a Deus que nos concedeu uma graça tão grande, esta possibilidade de ser família, consagrada por meio do matrimónio, família – igreja doméstica onde nos santificamos. Sim, queremos ser santos, juntos, fazendo a vontade de Deus, na família.

Compreendemos que, sendo família, família como base de qualquer sociedade, uma família africana iluminada pelo carisma da unidade, Deus concretiza o «*Ut omnes*» dia após dia.

*Amadeu e Rosaline Jamba (Angola)*



# Terramoto no centro da Itália

## Frente a frente com o sofrimento

**Um terramoto atingiu o centro da Itália, no passado dia 24 de agosto, causando quase 300 vítimas e alguns milhares de desalojados. Aldeias inteiras ficaram arrasadas**

Desde as 3.36h, do dia 24 de agosto, acordados pelo primeiro grande abalo, seguimos diretamente o desenrolar dos acontecimentos, em contacto com os "nossos" (que são muitos) que moram nas zonas atingidas. Um contínuo vai e vem, através do *Whats App*, manteve a família da Obra ligada e fez com que pudéssemos partilhar a suspensão por quem conseguia ser retirado dos escombros e o sofrimento por quem, infelizmente, não conseguiu. Assim aconteceu com a Rita, uma aderente que, com as suas duas netas, a Elisa de 14 anos e a Gabriele de 12 (ambas tinham participado nas iniciativas dos Jovens para a Unidade e todas tinham estado na Mariápolis, nos primeiros dias de agosto) e a outra avó, «subiram todas para Jesus», como escreveram, à noite, os pais.

Para todos nós foi uma maneira de iniciar o ano dedicado a Jesus Abandonado!

De imediato corremos, juntamente com outras pessoas, a dar de beber, de comer, levar cobertores e bens de primeira necessidade, confortar os sobreviventes nas tendas, assim como os familiares das vítimas nas morgues. A seguir procurou-se perceber quais eram as primeiras necessidades a dar resposta. Através de um telefonema webex, com um grupo de pessoas do Movimento, de várias regiões da Itália - não só as afetadas pelo sisma - partilhámos as informações que sabíamos e partilhámos as várias iniciativas.

«Aqui as associações agiram de imediato - contavam das zonas mais afetadas - e também nós, do Movimento dos Focolares, nos inserimos plenamente».

Os jovens do Movimento, como já noutras ocasiões, prontificaram-se a ir para sítios onde são precisos e estão a fazer os contactos necessários com a Proteção Civil.

Alguns recordam, de modo particular, as crianças: «Para elas é necessário pensar em qualquer coisa de significativo», sem esquecer os idosos. «Quem sabe, talvez possa surgir um projeto de animação artística - pensa um pianista - e seria bonito se, também no pós-terramoto, se pudessem trabalhar em conjunto para outros projetos, como está a acontecer nestes dias».

Trabalhos em curso, portanto, porque o esforço principal é estar atentos às necessidades reais e oferecer respostas concretas, aquelas que são úteis e mais nenhuma. Podem encontrar-se mais notícias no site [www.focolaritalia.it](http://www.focolaritalia.it).

*ao cuidado de Aurora Nicosia e Antonio Olivero*



# Atelier Paixão e talento

**Realizou-se em Loppiano o primeiro atelier de música para um mundo unido, com Jovens para a unidade de vários Países**



Adolescentes provenientes da Escócia, Inglaterra, Portugal e Itália, viveram de 26 a 30 de junho em Loppiano, sob a direção e supervisão do laboratório de produção «Ações Musicais» da Cidadela, num verdadeiro ginásio musical. Jovens de diversas idades encheram os laboratórios de viola, bateria e percussão, improvisação coletiva e música hip-hop: sete dias de música, diálogo e partilha.

Cada manhã, inspirando-se na terminologia musical, começava-se o dia todos juntos, dando o «lá» à jornada de trabalho, com palavras como harmonia, silêncio, ritmo, melodia... que os acompanhariam durante os vários laboratórios.

Porquê uma escola de música? São muitos



os jovens que tocam com os amigos, que têm um conjunto. Alguns fazem-no no tempo livre, outros frequentam uma escola de música ou o Conservatório. Por vezes estes empenhos não os deixam participar nos encontros dos gen3 ou dos Jovens para a Unidade. O objetivo destes dias era ajudar os jovens a compreender que o que fazem é importante, que se é gen no lugar onde nos encontramos, que o talento que Deus nos deu é um tesouro que cresce, cada vez que o sabemos dar aos outros; mas que é importante também aperfeiçoar-se,

**Os ateliers nasceram de um desafio que Chiara Lubich lançou ao Movimento Jovens para Unidade desde que ele nasceu.**

Na mensagem de fundação dizia, entre outras coisas: «Penso muitas vezes em D. Bosco que, para ter oportunidade de falar de catecismo ao jovens do seu tempo, inventava jogos, fazia ele mesmo números de circo, acrobacias e coisas do género para os atrair, entusiasmar e falar-lhes de Deus. Gostaria que o jovem D.Bosco renascesse em cada um dos vossos corações e que vocês voltassem ao mundo, à conquista dos jovens. [...] Pensem nisso! Façam planos!»<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Chiara Lubich, *Aos gen 3*, Chiara, Cidade Nova, 2006, pp.18-19



partilhar com outros o nosso talento. E isto vale para as capacidades musicais, mas não só. Este foi o primeiro *atelier*. Outros estão já em programa: desenho, desporto, teatro, política...

«O *workshop* funciona porque se adapta ao nível de conhecimento musical de cada um de nós, dando-nos, no entanto, uma visão mais ampla da música em geral» disse um dos participantes. «Uma experiência que nos faz crescer musicalmente

falando, graças também à experiência de quem conduz o *workshop*» observou outro. E um terceiro: «Aqui aprendemos uns com os outros, conhecendo-nos profundamente seja do ponto de vista pessoal seja do musical».

O que poderá ser a música para um adolescente? Uma aventura incrível! Quando a música chega a sintonizar-se com a vida interior, começa uma história profunda e maravilhosa que nunca mais se irá interromper!

«Acabei de conhecer esta realidade dos Focolares, através da tournée do Gen Verde no meu País – disse um dos jovens músicos –; gosto de música e por isso quis participar. Fiquei muito contente. Descobri que o meu talento é tocar bateria. Estes dias ensinaram-me a acreditar mais em mim próprio».

«Foi a primeira vez que consegui

convidar um colega de escola para uma atividade com outros gen3», confiou um outro.

A música torna-se, assim, um espaço novo e riquíssimo em que se cresce. Um espelho no qual nos podemos reconhecer e voltar a conhecer: cada melodia é uma descoberta. A música cultiva e desperta a vida interior. E uma vida interior forte dá liberdade. «Creio simplesmente que a música é a coluna sonora da nossa vida; como nos filmes, muda de acordo com os nossos estados de ânimo – lê-se num extenso comentário escrito pelos jo-



vens. Imaginem como seria triste e vazia uma vida sem música, sem aquelas sete notas que nos proporcionam um frémito de emoção.. Que outra forma de arte poderia preencher os silêncios, os vazios ou os momentos simples do dia-a-dia? Imaginem quantas vezes a música esteve ao vosso lado a fazer-vos companhia, quando não havia ninguém ao vosso lado, quando estavam sozinhos com as vossas inseguranças e medos. Como se poderia viver sem ela, sem um som, sem uma melodia que entra dentro de nós e nos toca a alma? Sem a música, a vida seria como um quadro sem cores!».

Ago, Alex, Daniele del centro gen3



# Nova Configuração

## Ser «Homem Mundo» nas Caraíbas

**Na fase de mudança de Zona, na sequência da nova configuração, um grupo de gen da República Dominicana comunica a sua experiência**

Na geografia da Obra, a República Dominicana sempre fez parte da Zona da América do Norte, juntamente com os Estados Unidos. Recentemente, na dinâmica da nova configuração, está a acontecer uma mudança significativa, com a constituição da zoneta das Caraíbas, que muito provavelmente vai integrar a Zona Hispano-Americana 2. Como em todo o lado, existem dúvidas, perguntas e novos relacionamentos de unidade para construir. De Santo Domingo, os gen escreveram a sua experiência.

«Fomos convidados a participar num congresso gen 2 em Cuba, com a Gabriela Zoncapé e o Marius Mueller, responsáveis, no Centro, pelo Movimento gen2, juntamente com as e os gen da Zona Hispano-Americana 2. E ficámos gratos pelo privilégio de sermos nós, a segunda geração, a dar início a esta mudança que está a acontecer nas Caraíbas.

Quando fazíamos parte da Zona da América do Norte, fomos testemunhas vivas de que nada pode impedir a unidade, nem as barreiras da língua (nós falamos Espanhol), nem as distâncias, nem as diferenças culturais. A Mariápolis Luminosa foi para muitos de nós um lugar de formação, partilha, crescimento e experiências fortes, tanto que, para muitos de nós, existia um "antes" e um "depois" da passagem pela Cidadela.

A participação neste congresso em Cuba e a partilha com os gen de três Países tão parecidos com o nosso (Colômbia, Venezuela e Cuba), permitiu-nos alcançar uma visão mais ampla

sobre o mundo unido. Era como se tivéssemos olhado sempre para o Norte, e, apesar de sermos tão próximos e parecidos com estes Países, era incrível que nem sequer nos conhecêssemos. Nestes dias, sentimos uma grande abertura na partilha com os outros gen. Sentimo-nos identificados com muitas experiências e foi fácil relacionarmo-nos com eles, precisamente por causa das semelhanças sociais e culturais.

O facto de podermos seguir os temas de formação sem tradução trouxe muitos frutos e permitiu ir mais em profundidade. Também na comunhão de alma foi mais fácil a partilha.

Sabemos que o mundo unido se pode alcançar apenas se o nosso olhar for universal. Mas sentimos que também a nossa experiência pode ser uma dádiva, como referência para as decisões que se terão de tomar.

Demo-nos conta que não existe organização geográfica que possa quebrar as relações e a unidade construídas nestes dias. E, por isso, queremos, mais do que nunca, trabalhar pelas Caraíbas mais unidas, qualquer que seja a decisão que venha a ser tomada.

No fim, percebemos que devemos ser como Chiara nos pensou: Homem-mundo. E, como ela própria nos disse, «deixar de lado as estruturas mentais». É por isso que, seja qual for a zona a que venhamos a pertencer, ficamos contentes e, com fidelidade, empenhamo-nos em difundir o carisma da Unidade.

*Zoila, Annamir, Luigy, Violeta, Jochy, Javier*





Novas gerações

## Comunidades locais, «berço» dos gen4

**Trabalhar com as crianças e para as crianças é uma graça e um crescimento para todos, de todas as idades e vocações**

No ano que passou, as atividades com crianças foram pensadas e concretizadas, cada vez mais, nas comunidades locais. Elas, que são «o berço» das jovens gerações, enriquecem-se e reforçam-se com o seu contributo. Um florescimento de vida, que nasce da fidelidade quotidiana dos gen4 em viver a arte de amar. «Um dia, com as outras gen4, lancei o “dado do amor” – contou a Valentina, brasileira de 5 anos –; saiu “amar o inimigo”. Pensando numa coleguinha que durante o intervalo me bate, parecia-me difícil pôr em prática aquela frase; mas, mesmo assim, queria tentar. No dia seguinte, depois da escola, voltei para casa muito contente: quando cheguei à sala de aulas sentei-me ao lado da colega que era um bocadinho “inimiga”, dei-lhe um beijo e disse: “Agora somos amigas”». «Na segunda-feira passada – escreveu o Apolónio, gen4 do Congo – um colega pediu-me se lhe podia dar dinheiro para ir para casa de autocarro. Pensei que podia amá-lo a ele como se fosse Jesus que me pedia. Dei-lhe o dinheiro que tinha e

voltei para casa a pé. Tinha uma grande alegria no coração!».

Este ano, os congressos dos gen4 e das gen4, que se multiplicaram nas Zonas, com a ajuda de muitas pessoas da Obra, foram momentos de família e escola de vida. «Quando o congressinho gen4 terminou – disse uma gen2 de Lubliana (Eslovénia) – senti que tudo o que em mim não era belo se tinha como que apagado. Estava cheia de amor, com uma liberdade nova, ainda que muito cansada. É interessante que este encontro tivesse sido forte também para nós: trabalhar com as gen4 é uma graça e um crescimento. Aprendi muito». Durante muitos momentos da vida da Obra os gen4 e as gen4 dão o seu contributo. Muitas vezes as Mariápolis são uma oportunidade para dar a conhecer o seu estilo de vida a outros meninos. Na Ligúria (a província de Génova, Itália) a Mariápolis e o congresso gen4 realizaram-se ao mesmo tempo.

Uma característica dos momentos de

Na fotografia em cima, os gen4 do Véneto, Itália

formação é o conhecimento do mundo e das diversas culturas, através de jogos e usando uma boa dose de fantasia. Graças à ajuda de uma focolarina do México, as gen4 de Myanmar viveram uma festa mexicana castiça. Com o *sombrero*, chapéu típico mexicano, fizeram jogos, danças e recortes de papel. No final, cada uma recebeu um pacotinho de caramelos coloridos para partilhar com os amigos: tinham ouvido uma resposta de Chiara Lubich a uma gen4 do México que lhe perguntava o que fazer para não querer possuir lápis e caramelos de cores vivas. «*Acho que não debes ficar preocupada. Eu também gosto imenso de caramelos coloridos e também de lápis de côr – tinha dito Chiara, tranquilizando-a –. [...] Tu dizes, e bem: “Se estas pequenas coisas coloridas não me deixam amar, então tenho que as deitar fora”. Por exemplo: uma colega de escola pede: “Dá-me esse caramelo colorido”. Tu debes dá-lo a ela, mesmo se gostas dele, porque debes amar sempre. Comprendes? Por isso, não te preocupes com as coisas. Mas se elas te tiram o amor, então não, isso não. É preciso deixá-las de lado e amar a colega*».

Também os e as gen4 de Welwyn Garden City (Grã Bretanha) fizeram uma «viagem»: um imaginário comboio levou-os até Trento, onde viveu Chiara; depois, à África e à Ásia, para descobrir como é que lá chegou o Ideal da unidade. E depois, para conhecer melhor a Última Ceia e para se prepararem para a Missa, «chegaram» também à Terra Santa! Uma gen4



Festa mexicana em Myanmar

disse que tinha sido o dia mais bonito da sua vida. Todos estavam incansáveis a fazer atos de amor. A presença de duas mães foi um contributo importante e enriquecedor. O congresso de Montet foi construído em conjunto, «como um corpo», pelos assistentes gen4 da Suíça e pela «grande família» da cidadela: focolarinos, focolarinas e gen2 das escolas contaram experiências de vários lugares do mundo. A Milene Benjamin e o Pep Cànoves, responsáveis dos Centros gen4, comunicaram a vida gen4 no mundo. Palmira Frizzera, uma das primeiras companheiras de Chiara, convidou os gen4 a fazer muitos atos de amor: «Eu já sou muito velhinha – disse – e já não tenho que fazer muitas coisas. Por isso posso fazer muitos atos de amor... como vocês».

Em várias zonetas, com os congressos gen4 realizaram-se também momentos de encontro e de formação para assistentes e animadores. «*Obrigada pelas lindas notícias do congresso que me mandaram – escreveu a Emaús à Loretta e ao Franco da Sicília (Itália) – Basta ver as fotos para perceber a atmosfera alegre e ativa na qual os e as gen4 se revelaram protagonistas. Gostei especialmente do encontro que tiveram com os assistentes. A unidade construída é um contributo para o caminho de toda a Obra em direção ao “Ut omnes”*».

Nas Marcas (Itália), nos dois últimos anos, começou-se a olhar para as realidades juvenis (crianças e adolescentes) no seu conjunto. Deste modo, colabora-se nas ações de formação valorizando o que se faz nas comunidades e envolvendo os adultos que querem entrar no jogo. Para os próximos 3 anos o objetivo é fazer com que em



Run4unity nos Camarões

cada comunidade haja grupos de crianças e de adolescentes seguidos localmente.

A Paz foi outro tema que esteve no centro da formação gen4 deste ano, de modo muito especial onde existem conflitos próximos. No norte dos Camarões, por exemplo, a situação é difícil, quase de guerra, com contínuas incursões violentas dos terroristas do Boko Haram. «Ouvindo falar de paz, – escreveu o assistente – os nossos gen4 puderam compreender que, apesar de todos os desafios, o mundo tende para a unidade. Por ocasião do Run4unity trabalhámos juntamente com os gen3 e os Jovens para a Unidade: desporto, jogos, canções, criações artísticas e experiências pensadas de modo que crianças e adolescentes vivessem esta paz entre eles, sem discussões. É um modo para os ajudar a crescer com uma mentalidade de paz, para depois a levarem às famílias e à sociedade».

Durante a viagem ao Quênia, uma gen4 perguntou à Emaús se ela pensa que é fácil perdoar todos os dias às pessoas que nos fazem mal. «*Não, não é fácil, porque se alguém nos magoa, a primeira reação que nos vem é: vou magoá-la eu também* – respondeu a Emaús –; *mas Jesus diz que é preciso perdoar. Portanto, não é fácil. Mas é isso que Jesus nos pede. Como nós escolhêmos viver o que Jesus quer, queremos também perdoar. Então como fazer? Pensemos naquela pessoa que nos magoou: não sabemos o que é que ela tinha no seu coração, se estava a passar um momento difícil, se alguém lhe tinha feito mal a ela e por isso estava zangada e, se calhar, descarregou em nós o seu mal estar... Em todo o caso, naquela pessoa nós encontramos Jesus. É claro que não é a Jesus que tenho que perdoar, porque Jesus não me fez nada de mal; mas eu devo amar Jesus naquela pessoa.* «*Para amar Jesus nela, perdoe-lhe –concluiu – e posso perdoar-lhe porque amo Jesus. É a força de Jesus que me faz forte, é assim que lhe perdoe. [...] Por vezes, não sou capaz; quando não consigo, também eu recomeço, como digo a vocês para recomeçarem.*».

Anna Lisa Innocenti, com os Centros gen4

## Vivamos juntos o Evangelho

Juntos é a palavra chave do itinerário de preparação para a Comunhão e para o Crisma, editado por Città Nuova e composto por quatro cadernos para crianças e quatro guias para os catequistas, aos quais se juntam quatro temas pensados para a família. Porque nos parece que todas as comunidades, incluindo a família, devem estar envolvidas na educação para a fé. Foi elaborado pela Maria Helena (Milene) Benjamim e o Pep Cànoves, responsáveis dos Centros internacionais gen4; Eugenia Bersani, voluntária, catequista da diocese di Milão; Mario Iasevoli, formador e autor da revista para crianças *Big*, de Città Nuova; p. Emilio Rocchi e p. Mario Cataldi, animadores do Movimento Diocesano dos Focolares.

A novidade mais relevante é a centralidade do relacionamento. Passa-se do modelo escolástico «professor-aluno» para o modelo dinâmico relacional: é no interior da relação – na qual adultos e crianças têm um papel de protagonistas – que tem lugar a transmissão dos valores e o crescimento da pessoa. O saber torna-se elemento a partilhar, a aprofundar, sobre o qual se reflete, se joga, se experimenta.

O caderno está dividido em fichas ilustradas, que se podem separar e inserir num dossier de argolas. São importantes as experiências de crianças do mundo inteiro que permitem que a mensagem penetre e os valores cristãos passem do plano conceptual ao concreto, quotidiano, simples. O guião para catequistas serve-se de contributos de psicólogos, pedagogos e educadores.

Elena Cardinali



# Comunidades Locais

## Fermento de Unidade para 'Que todos sejam um'

Uma grande variedade de experiências no encontro dos responsáveis das comunidades locais

Durante o encontro das comunidades locais foi apresentada uma grande variedade de experiências.

Fruto do Espírito Santo, a preparação deste encontro foi muito especial: uma viagem a África (a Nairobi) com a Emmaus e o Jesus, juntamente com outros membros



Oceânia. Futuna

do Centro da Obra. Foi uma grande riqueza ter contactado com a realidade deste continente, que Chiara considerou «especialista» da irradiação (o Alaranjado), tendo como estilo próprio a inculturação.

Foi muito importante para nós ter conhecido e partilhado experiências com pessoas de muitos Países, e com os pontos de referência das comunidades locais, pessoas cheias de vida e entusiasmo.

Os membros do Conselho (da Obra) ajudaram-nos a preparar o encontro com o contributo das suas ideias, com a oração e a sua presença. Alguns, de modo especial, prepararam intervenções para apresentar no Congresso. Houve quem considerasse que este evento foi um trabalho do Centro, não só nosso, dos que, no Centro,

acompanhamos o aspecto do testemunho e da irradiação.

Participaram 250 pessoas de 44 Países: 9 de África, 5 da América Latina, 2 da América do Norte, da Índia, Indonésia, Médio Oriente, incluindo 5 da Síria, 20 da Europa e um grande grupo de Itália.

Como especial nutrimento do Carisma, tanto as meditações de Chiara como a leitura de textos do «Paraíso de 49», foram seguidos com uma profunda atenção. Assim como os temas específicos que os Conselheiros prepararam: para aprofundar o «Que todos sejam um», uma novidade e um desafio - para ver o compromisso na Obra segundo esta perspectiva; a formação; o nosso serviço para a comunhão, com os meios de comunicação nos vários campos; as novas gerações com as secções, com os centros gen3 e gen4, que contribuíram com novas ideias para lidar com os mais jovens nas comunidades locais.



África. Togo

O tema apresentado pela Agnes van Zeeland e o Flávio Roveré, responsáveis das e dos focolarinos, a partir da frase de Chiara: «a comunidade, esposa do focolar» foi para todos um grande estímulo para encontrar um relacionamento totalmente novo com os focolares, porque puseram em evidência a importância de





América Latina. Terra do Fogo (Chile)

umentar a unidade, um aspecto imprescindível para este relacionamento.

Percebe-se que, onde o ideal da unidade chegou mais recentemente, as comunidades são muito vivas. Foi muito bom ver como bastantes comunidades fizeram a comunhão de bens para cobrir as despesas da viagem dos seus responsáveis.

Foram apresentadas muitas experiências sobre a utilização dos meios modernos para se manter em ligação. Em muitas comunidades, nota-se a importância do apoio dos sacerdotes e religiosos da Obra, que criam oportunidades de encontro e têm espaços adequados que põem à disposição e que, em conjunto, promovem muitas atividades (em África, algumas partes da Europa, no Brasil).

Verifica-se que algumas zonas e zonetas estão um pouco estagnadas e surge a interrogação sobre como sair desta situação. A vida dos ramos exige energias e forças, por isso às vezes é difícil encontrar ocasiões para se reunir como comunidade.

Este encontro foi sobretudo uma grande experiência de comunhão: os grupos eram formados por pessoas que, embora tivessem a mesma língua, vinham de regiões diferentes. Até os italianos gostaram desta possibilidade que tiveram de partilhar com zonetas diferentes, pois, em Itália, há muita variedade, pois as comunidades locais são mais de 400.

Desde o princípio até ao fim experimentou-se uma grande alegria nos corredores, durante as refeições, nos momentos de encontro de grupos de todos tipos.

A Emmaus e Jesús disseram: “Não se

assistem se forem poucos», frase que tranquilizou os presentes. Houve quem comentasse: «O que disseram deu-nos uma grande liberdade e responsabilidade, deram-nos muita serenidade».

A Emmaus e o Jesús, nas suas respostas, tocaram muitos assuntos. Eis alguns pontos. A Emmaus disse que tinha constatado três coisas em África: como é possível avançar com a Palavra de Vida (existem comunidades muito vivas que se nutrem só com a Palavra); quanto é importante a relação com o focolar, mesmo que esteja distante; que há que assumir em conjunto as situações locais, os ramos não podem fazê-lo sozinhos.

O que diferencia as comunidades é a palavra «Local», quer dizer o facto de que são, nessa



Itália. Puglia

localidade, um fermento de unidade, nas mais diversas maneiras.

Os responsáveis não devem tornar-se prisioneiros de determinados esquemas. Existe a comunidade local se existir o amor recíproco. Devem libertar-se da ideia de que temos outras coisas «a fazer». O «Que todos sejam um» realiza-se de pessoa a pessoa, passa pelo «local», ocupando-se dos vizinhos, no sítio onde se vive.

Entre a comunidade local e os ramos existe uma relação trinitária. O ramo não vive para si mesmo e os movimentos realizam a sua encarnação na localidade.

A Emmaus encorajou a assumir como próprias as iniciativas dos jovens e a incluí-los nos programas. Em relação ao receio que alguns expressavam sobre o facto de que, ao trabalhar



Oceânia. Fiji

com outros grupos, pudéssemos vir a perder a nossa identidade, a Emmaus e o Jesús afirmaram que é na relação com o outro que se descobre a própria identidade.

Houve muitos comentários positivos. Citamos um deles: «Eu vim com muitas

interrogações e dúvidas sobre o relacionamento entre a comunidade local, o focolar, os ramos e os movimentos. Primeiro, através da Agnes e do Flávio, e depois com a Emmaus e o Jesús, ficaram resolvidas. Entendi melhor que o mais importante é a vida que tem que circular, as relações trinitárias e a reciprocidade que tem que existir como primeira realidade e sobre todas elas. As estruturas vêm depois, ou melhor, no interior das comunidades locais, elas não se vêem quando a vida existe e é abundante. Isto simplificou e libertou-me de pesos inúteis. Mas ainda me parece um desafio a que Jesus me chama e nos chama».

*Gloria Duarte, Tim King*

## Da comunidade da Síria Apesar da guerra

**Enquanto parecem vãs as várias tentativas de parar este conflito, o ideal da unidade alimenta as poucas esperanças de paz que ainda subsistem.**

Como todos sabemos, na Síria hoje vive-se num estado de guerra «suja», e as guerras levam sempre à destruição e à morte.

Nós vivemos lá, nessas condições que a falta de humanidade provocou, especialmente em Aleppo, onde as bombas e as granadas caem sobre urbanizações, casas, escolas, hospitais, cada vez com maior frequência. Não há luz nem água, faltam os bens de primeira necessidade.

Muitas famílias fugiram das suas casas e refugiaram-se noutras cidades ou emigraram para o exterior. Todos os dias dizemos adeus a parentes e amigos, que nos abandonam em busca de um destino e de um futuro desconhecido.

Até as nossas comunidades, espalhadas por toda a Síria, passaram por estes acontecimentos. Mas, em cinco regiões do País, partindo desta realidade dolorosa, foram-se formando pequenos grupos para reunir a família da Obra, em encontros das comunidades locais.

Apesar das difíceis circunstâncias da vida quotidiana e da insegurança, nós tentamos



reunir-nos para preparar estes momentos e viver o mandamento do amor, com a presença de Jesus no meio com quem trabalhamos e nos preparamos, para levar aos outros a luz e a paz que Ele fez nascer em nós: oferecê-la a todos os nossos irmãos que encontramos na comunidade. Fazemo-lo de muitas maneiras: com um sorriso, com a simplicidade do nosso acolhimento afetuoso, procurando viver o amor, com as notícias da Obra no mundo, que nos encorajam, assim como as notícias da nossa localidade. Também com experiências e testemunhos de fé na presença de Deus na nossa vida e na sua providência, procurando discernir na nossa

vida, qual é a vontade de Deus e vivendo bem o momento presente. O que nos alimenta é poder participar na Missa e o que nos ajuda são os jogos de grupo.

Em ocasiões especiais e durante as festas, as nossas comunidades, nas três principais cidades, foram à procura daqueles do nosso grupo que nós sabíamos que têm mais necessidades. Em Damasco, fomos visitar algumas famílias e assim pudemos conhecer mais de perto o que precisam.

Tanto em Kfarboche como em Damasco e Aleppo tentámos arranjar alguns bens de primeira necessidade, tais como gasóleo para o aquecimento, lâmpadas led para iluminar um pouco as casas, e produtos alimentares. Conseguimos reparar algumas casas, partilhar o dinheiro que tínhamos, graças à comunhão de bens de toda a Obra no mundo, que continua a mandar-nos a sua ajuda.

Quase todos os membros das comunidades locais, tanto os pequenos como os grandes, participaram nestas atividades e, juntos, pudemos experimentar a alegria de dar e partilhar.

Depois, continuámos a contactar estas famílias, a visitá-las e a ajudá-las com regularidade.

Tudo isto que conseguimos foi sob a orientação do espírito da Obra que, em nós e entre nós, cresceu, com a ajuda e apoio das focolarinas de Damasco e dos focolarinos em Aleppo, que sempre nos deram e continuam a dar uma forte ajuda. E também a presença constante de Maria consoladora e encorajadora, e de Jesus Ressuscitado, que venceu a morte.

Estamos muito gratos a Chiara, porque a experiência que ela fez durante a guerra, ajudou-nos a viver nestas condições, que tanto se assemelham ao início do Movimento. Agradecemos aos focolarinos e focolarinas que não nos abandonaram durante a guerra, como muitos fizeram, mas ficaram, a apoiar-nos apesar



de todas as dificuldades, para perseverar na fé e na esperança.

A visita do Agostinho Spolti, do Centro Gen3, a da Arlette Samman e do Philippe Ehrenzeller, responsáveis do Médio Oriente, enquanto muitos dos habitantes deixavam o país, foi para nós mais uma confirmação deste apoio. Eles, com simplicidade, vieram à Síria, porque sentem que somos irmãos e irmãs e querem saber notícias nossas e estimular-nos a continuar a semear o amor nesta terra sangrenta, esperando que um dia exista só o amor e a paz. Estiveram com todas as comunidades locais e partilharam connosco as experiências, fazendo com que nos sentíssemos importantes para a Obra, que está próxima de nós.

*Lina Loutfi, responsável da comunidade local de Damasco.*

Julho de 2016. A comunidade da Síria na Mariápolis



## Seminaristas em Loppiano

# A graça da unidade

**26 seminaristas de quatro continentes, de 2 a 15 de julho, encontraram-se na Cidadela para uma experiência de família baseada na Palavra de Deus**

O *input* para a partida: «A unidade é uma dádiva da misericórdia de Deus». Nestas palavras do Papa Francisco havia muito para escavar, muito para compreender, muito para viver!

Da Bíblia retirou-se o percurso: se a tentativa da «unidade» de Babel acabou na confusão porque era sem Deus, a unidade do Pentecostes, dom do Espírito Santo, conserva a diversidade e realiza prodígios. É esta unidade-dom que, guiados por Jesus, se tornou o objetivo concreto da vida e dos relacionamentos. E Loppiano revelou-se, mais uma vez, o contexto ideal, porque em contato com os habitantes percebe-se a característica das relações trinitárias no quotidiano, como aqui são concebidas e vividas. A vida evangélica, na sua extraordinária ordinary e simplicidade, foi aquilo que referiram ter descoberto.

Todavia, experimentou-se também na própria pele o peso que a cultura e a história têm, muitas vezes com

preconceitos que impedem o acolhimento do outro. Seminaristas do Haiti e da República Dominicana explicam que os seus povos partilham a mesma ilha nas Caraíbas, mas a unidade é só territorial, pois as incompreensões e juízos prevalecem. A tensão inicial entre eles, começou a desvanecer-se pouco a pouco, quando descobrem que têm muitas coisas em comum. E, no quotidiano, não faltaram as oportunidades para se reconhecerem irmãos e viverem o amor recíproco. Sim, com a misericórdia, a unidade é possível e a diversidade é uma riqueza.

Da partilha das experiências de duas focolarinas de Loppiano, veio em evidência uma outra profunda verdade: a misericórdia deve ser exercitada todos os dias, vendo o outro sempre com olhos novos.

Em suma, uma vida cristã em todos os campos, que é mais importante até que o privilégio da eleição para o ministério sacerdotal.

*pelo Centro gens*





## Famílias

# Percurso de Luz braços que acolhem e que reúnem

**Em Loppiano, uma nova edição do curso para casais que estão a atravessar momentos difíceis.**

**A terapia do amor recíproco absorve as feridas das famílias do nosso tempo e consegue processos de reconciliação imprevistos, nos casais**

Desde 2009 que, anualmente, se repete o curso «Percurso de Luz» pensado e preparado para casais que estão a atravessar momentos difíceis. Nalguns casos até já têm nas mãos os papéis para a separação ou já estiveram separados nos meses ou anos precedentes. Destes cursos, alguns casais, gratos pelas graças recebidas e pela conseqüente reconciliação, decidiram pôr-se em doação, num relacionamento estreito com os especialistas, «caminhando com o casal *in itinere*». Assim, uma equipa homogénea, composta por uma sexologista, um psicoterapeuta, um sacerdote e por cinco casais, acolheram - de 18 a 25 de junho - os 13 casais que este ano participaram no curso, na maioria com graves dificuldades, dois já separados, outros, mesmo se ainda a conviver, estavam há anos separados em casa.

Não foi um curso «para» mas um curso «com», porque todos, docentes e discentes, faziam os exercícios propostos. A resposta dos participantes não se fez esperar: «estar com outros casais que tinham tido os mesmos problemas que nós ajudou-nos muito. Não estávamos sós a enfrentar a nossa

situação que, no início, até tínhamos vergonha de revelar».

A característica do curso foi, como sempre, o amor recíproco. Todos: peritos, casais-acompanhantes e participantes puseram-se em campo oferecendo a própria experiência, sem esconder as pequenas ou grandes dificuldades que se encontram ao longo do percurso e comunicando como se procura ultrapassar.

O curso desenvolveu-se sobre duas vertentes: espiritual e psicológica do casal. Abordaram-se temas como o conhecimento de si próprio, a diversidade, o conflito, a aceitação, a comunicação, diferença homem-mulher, sexualidade e perdão. Tudo através de intervenções frontais, momentos de diálogo, exercícios práticos. Foram importantes também os momentos de distração: excursões pelo território e um serão de baile, orientado para o reencontro do casal.

Forte também o serão do Gen Verde. Os casais, em unanimidade, fizeram sua a canção do conjunto "Cremos no nós".

Juntamente com os temas e as indicações dos especialistas, foram preciosos os instrumentos da espiritualidade coletiva. Até aqueles que

conheciam pouco o Movimento consideraram-nos pérolas, para melhorar o relacionamento do casal.

Num momento de partilha, alguém confessou que, durante a viagem para chegar a Loppiano, tinha tido vontade de descer do carro e voltar para casa, mas, ao chegar aqui, recebeu um abraço.

Sim, porque para estas famílias feridas são necessários «braços que abracem e braços que reunam», que estreitem a si as feridas e que reúnem os fragmentos de vida despedaçada pela dor e pela traição. Mas é preciso deixar-se abraçar e que os pedaços se deixem juntar.

Nestes dias aprendemos que não é importante a meta, mas o caminho que se faz para a poder atingir. E estes casais estão desejosos de o fazer.

A forte presença do amor entre os especialistas e os casais das equipas organizadoras, foi «o algo mais» reconhecido, porque «é um corpo que age», como disse um deles. «Aqui encontramos Deus», ouvia-se dizer. «Experimentámos a Sua presença».

Mas nem tudo foi fácil: nos dias seguintes, para alguns, as discussões repetiram-se, com a tentação de encontrar desculpas para não se recolocar a amar.

Através dos exercícios propostos, houve quem encontrasse o respeito pelo partner e pediu-lhe desculpa em público.

Veio em realce a beleza e a alegria de ter encontrado irmãos, com a consciência de que, sozinhos, não se consegue vencer certos desafios.

O ambiente de Loppiano, os seus cidadãos que se encontravam na Missa, a natureza circundante, o silêncio, favoreceram o percurso de reconciliação. Vários diziam que não tinham encontrado a solução, mas que levavam para casa os instrumentos para a poder encontrar e aplicar.

A Missa, com a renovação do Pacto matrimonial, foi um momento sacro e solene. Lágrimas de dor, mas também de alegria.

Podemos dizer que, também no curso deste ano, assistimos a milagres.

Frequentemente os dois reflorescem e levantam-se sozinhos. Às vezes identifica-se aquela determinada ferida que precisa de ser tratada, até com um eventual suporte psicológico adequado.

Para vários foi como reacender a luz do relacionamento, compreendendo a importância de dar espaço ao outro e reencontrando a harmonia.

Muitos disseram que encontraram uma «casa espiritual» e que, agora, «somos uma grande família da qual vocês fazem parte».

*Adriana e Francesco Scariolo*

## **Carmen Hernández, incansável anunciadora da Palavra**

Faleceu em Madrid (Espanha), a 19 de julho, na sua residência de família, Carmen Hernández, iniciadora, com Kiko Argüello e o pe. Mário Pezzi, do Caminho Neocatecumenal. Foram muito tocantes as palavras do papa Francisco, por ocasião da sua partida: definiu-a uma mulher «animada de sincero amor à Igreja», pela qual deu a sua vida. Na liturgia fúnebre, presidida pelo arcebispo de Madrid, Mons. Osoro Sierra, rodeado de numerosos prelados, entre os quais o card. Rylko, presidente do Conselho Pontifício para os Leigos. Concelebrou também Jesús Moran, como testemunho da comunhão e do afeto que liga os Focolares ao Caminho da Comunidade Emanuel, uma fecunda e iluminada realidade eclesial, baseada na Palavra, na Liturgia e na Comunidade. Na mensagem de pesar a Kiko, a Emmaus escreveu: «Jesus tê-la-á recebido com muito amor, em recompensa da sua vida totalmente doada a Ele, no ardente e incansável anúncio da Sua Palavra».



Carmen com Kiko Argüello

## Juntos pela Europa uma riqueza de Deus para o mundo

Na Alemanha, um evento que abriu novos horizontes para o caminho comum. Dois dias de congresso com 1700 representantes de 32 Países e uma manifestação pública com 5000 participantes. As mensagens do Papa Francisco e do Patriarca Bartolomeo I

«Estes cristãos não se podem separar, formam uma unidade». Não foi só o card. Reinhard Marx a mostrar-se tocado naquele 2 de julho de 2016, pela atmosfera entre os 5000 presentes na manifestação pública conclusiva de «Juntos pela Eupopa» em Munique (Alemanha).

Essa manifestação foi feita após dois dias de Congresso com um programa muito intenso, em que tinham participado 1700 representantes, cristãos de 200 Movimentos e Comunidades, provenientes de 32 Países, que deram um sinal público de reconciliação e de caminho feito, juntos, entre as diferentes Igrejas. Foi ampla a difusão feita por parte dos media em vários Países, também fora

da Europa. Na Alemanha deram a notícia até no principal telejornal.

O Papa Francisco e o Patriarca Bartolomeo I enviaram duas vídeo-mensagens. «"Juntos pela Europa" é uma força de coesão, com o objetivo claro de sublinhar os valores básicos do cristianismo em resposta concreta aos desafios de um continente em crise», disse o Papa. «Sem dúvida que nunca foi tão necessário o apelo a reunirmo-nos, a estar juntos e agir em solidariedade», afirmou o Patriarca Bartolomeo, sublinhando que os cristãos são chamados a demonstrar o princípio fundamental da Igreja, que é a comunhão. O bispo luterano Bedford-Strohm, olhando para o público na praça, comentou: «Não tenho





Alguns membros do Comité de organização no Congresso

«necessidade de dar uma mensagem de unidade, em vós, a unidade está diante de mim».

A mesma realidade captou também a presidente do Movimento dos Focolares, Emmaus Maria Voce: «Falei em italiano e as frases eram depois traduzidas em alemão. Todavia, tinha a impressão que todos percebessem italiano – não havia barreira linguística!» E acrescentou: «O meu tema era: "A unidade é possível". Mas não era necessário convencer o público, porque percebi a presença de Jesus no meio das pessoas ali na praça. Vi a sua fidelidade, o seu preservar sem se deixar desencorajar pela chuva, estando de pé quatro horas e os jovens misturados com todos, sem se isolarem. Normalmente é a música que arrasta o público numa praça e, durante os discursos, baixa a concentração. Aqui, as pessoas estiveram concentradas até durante os discursos mais sérios».

O que é que aconteceu de 30 de junho a 2 de julho em Munique? Qual foi a novidade sobre o caminho «Juntos pela Europa» de Comunidades e Movimentos de diversas Igrejas? Este teve o seu início em 1999, depois da assinatura da Declaração conjunta sobre a doutrina da Justificação, e agora organizou esta quarta manifestação europeia, depois de Estugarda 2004 e 2007 e Bruxelas 2112.

Naqueles dias a Europa estava na boca de todos. Os *media* estavam ocupados em

analisar e comentar a «Brexit». Que, precisamente naquele momento, 5000 cristãos falassem de «Juntos pela Europa» suscitou uma atenção mediática inédita. E uma coisa particular, que nunca acontece na Alemanha: em nenhum dos múltiplos artigos – do mundo dos *media* eclesiais ou não – se encontrou uma palavra negativa sobre o evento. Gérard

Testard, de Efesia, comentou durante o encontro de avaliação do Comité internacional de Orientação: a manifestação na praça foi uma



O card. Marx e o bispo evangélico Bedford-Strohm

nova saída pública. O "Juntos pela Europa" das nossas Comunidades não é um fim em si mesma, mas é para a sociedade, para o mundo».

Isto foi sublinhado durante o Congresso também por Michael Hochschild, sociólogo e docente do pensamento pós-moderno no Time-Lab de Paris: «Estamos a viver uma profunda crise do sistema da sociedade moderna. O sistema operativo da sociedade já não funciona. Vós, como Movimentos, criais a confiança necessária no futuro». E exortou: «Mas para fazer isto deveis considerar-vos e demonstrar com maior decisão que sois forças "plasmantes" do panorama cultural. Deveis tornar-vos "Movimentos sócio-civis"». Foi o desafio lançado por Hochschild.

Herbert Lauenroth, especialista em intercultura no Centro ecuménico de Ottmaring



(Augsburg), interpretou a atual situação na Europa como reação do medo e da insegurança, causada por uma sensação de sufocamento existencial. Situação que, ao mesmo tempo, representa um desafio: «Pode ser exatamente o medo do futuro que nos obrigue a fazer de tudo para que venha a ser melhor». E prossegue dizendo que, através do confronto com os abismos que a sociedade está a encontrar, compreendemos que é possível uma nova orientação com base na fé. E esta deveria ser a base para uma nova, necessária, cultura da confiança na Europa.

Com a exceção dos poucos representantes da Baviera e do Trentino, não estavam presentes outros políticos. Este facto foi percebido como mais um sinal de que os Movimentos devem empenhar-se principalmente no mundo civil. O facto de que o dia 2 de julho, dia da manifestação pública na praça, coincidir com a festa da Visitação - «derrubou os poderosos dos seus tronos e exaltou os humildes» (Lc 1,52). - parecia também um sinal do Céu a mover-se nesta direção.

Notava-se a certeza profética do início de uma nova época do eucumenismo. Os dois máximos representantes das duas grandes Igrejas na Alemanha, o card. Marx e o bispo evangélico Bedford-Strohm, eram um claro sinal disto, dando um luminoso testemunho de amizade. Os *media* na Alemanha consideraram pela primeira vez os novos Movimentos e Comunidades como parte da Igreja e percussores da unidade.

A comunhão entre Leste e Oeste reforçou-se. Eram muitos os grupos do Leste Europeu, quer no Congresso, quer na manifestação. Foram eles a comover profundamente com o seu testemunho de reconciliação, até na vida política, por exemplo entre a Alemanha e a Rússia. Sergej Altuchov prometeu levar a

«chave da reconciliação», que cada um recebeu no fim, ao presidente Putin.

Novo foi também o forte contributo dos jovens, e não só sobre o palco. 1500 jovens de «Holy Spirit Night» juntaram-se ao evento na praça e, com a sua presença, deram muita esperança para o futuro. No concerto da tarde, enriquecido com pontos meditativos, viu-se um modo de rezar e louvar a Deus típico das Igrejas livres, uma nota a harmonizar cada vez mais com outras notas, numa mais ampla sinfonia.

Para o futuro, perspetivam-se as vias para o caminho comum: além de um maior empenho no e para o mundo, deve-se continuar a cultivar o diálogo amigável, também com a Europa do Leste. Um maior número de ortodoxos seriam necessários no «Juntos pela Europa», para evidenciar melhor o aspeto de Deus trinitário. A mensagem central do «Juntos pela Europa» deve ser melhor elaborada: «Nós podemos aprender com o outro aquilo que temos para lhe comunicar» disse Herbert Lauenroth. E Thomas Roemer, (YMCA), do Comité de Orientação: «É através do outro que me torno eu próprio. Nós não queremos nivelar. Unidade sim, mas não uniformidade. Temos necessidade de várias identidades para as levar juntas ao coração».

*Beatrix Ledergerber-Baumer*



## Mppu

# Vinte anos de uma política para a unidade

Um seminário para ver o caminho a seguir, a partir do sólido alicerce da «Carta do Mppu».  
Novas e interessantes sinergias.



conteúdos, e a das outras Inundações, para as quais a política tem que servir de pano de fundo, ativo e adaptado aos novos desafios.

Foi proclamada a «Carta do Mppu», elaborada depois de um processo de participação, que compilou e atualizou as indicações que Chiara deu em 1962, escritas pelo seu próprio punho e letra, ao Centro Santa Catarina, e que foram entregues ao Mppu há mais de dez anos.

Esta Carta é composta de duas partes: 1) o compromisso na linha de uma política para a unidade; 2) A transparência das estruturas essenciais de serviço, que são os Centros do Mppu.

Deram-se imediatamente os primeiros passos para a sua realização. Primeiro, a construção participativa da Agenda internacional, que indicou a cidade como espaço proeminente da política. Seguiu-se o relatório do Centro internacional sobre aquilo que realizou durante o triénio anterior. Para finalizar, o lançamento de uma metodologia capilar que levará à renovação dos Centros do Mppu a todos níveis, em três fases: extensa participação; sinergia com os centros do Movimento dos Focolares; eleições do ou da Presidente e Co-presidente de cada Centro Mppu.

A presença de representantes do Movimento Humanidade Nova, de Jovens por um Mundo

Basta assistir a um telejornal para perceber que o mundo perdeu a paz. Estamos numa hora negra da História, mas não é o fim do mundo, é a dolorosa gestação de uma nova época.

Sem deixar de acolher e de chorar com quem chora, nós devemos orientar o nosso olhar, as nossas energias e uma nova criatividade de política para esta «época nova».

O movimento político para a unidade, no seu vigésimo aniversário, não fez uma celebração, mas sim uma formação para esse seu desafio, que é um compromisso que a Maria Voce pede na sua mensagem. (ver o quadro)

Para este seminário (24–26 de junho), seguido em grande parte por *streaming*, foram convidados todos os Centros do Mppu, alguns deputados, diplomatas e jovens: uma grande variedade de crenças, línguas e culturas políticas. Este seminário entrelaçou-se com o do 5º Diálogo, oferecendo-lhe a sua riqueza de



## A MENSAGEM DE MARIA VOCE

Quero felicitar-vos profundamente, assim como a todos quantos vocês representam, de povos e raças diferentes, unidos por aquele sonho de fraternidade, que Chiara Lubich nos fez contemplar como uma realidade, e pela qual todos nós vivemos.

O ideal da unidade de Chiara, que nasceu durante a segunda guerra mundial, revelou-se logo na sua dimensão social, pondo em ação novos recursos para contribuir a sanar e a recompor uma humanidade destruída pela guerra, pela violência, ódio e injustiça. Desde então, diante de cada novo conflito, Chiara propôs com tenacidade a lógica evangélica do amor, a cultura do encontro, do diálogo, da legalidade, dos direitos humanos, para se concretizar em todos os ambientes da vida social. Este é o caminho que ela continua a indicar-nos ainda hoje, perante tantos conflitos que provocam um grande sofrimento às pessoas e povos de todas as latitudes.

Se os membros do nosso Movimento são conhecidos como «apóstolos do diálogo», o mesmo e ainda mais deve acontecer com quem adere ao Movimento Político para a Unidade.

Tendo bem presente o cenário dos grandes desafios políticos da atualidade, a nível nacional e internacional, reuniram-se também para consolidar solenemente o compromisso, passados vinte anos desde o nascimento do Mppu, de gastar as vossas vidas pela fraternidade universal, fundamentando o vosso pensamento e ação nas linhas programáticas que a Carta contém.

Desejo-vos que - em colaboração com todos os que, no âmbito do Movimento dos Focolares, estão empenhados no diálogo com a cultura contemporânea, segundo as diferentes disciplinas e em sinergia com o Movimento Humanidade Nova e Jovens por um Mundo Unido - o vosso empenho pela fraternidade universal possa um dia tornar-se uma realidade.

Quero assegurar-vos a minha proximidade e apoio, assim como a de todo o Movimento.



Unido e do Instituto Sophia, não foi só uma honra para o Mppu, mas também a confirmação de uma sinergia mais forte, que já se realiza e que, a partir de agora, ainda vai crescer mais.

Foram interessantes os projetos para as Escolas do Mppu para jovens, assim como os testemunhos. Citamos só os de alguns deputados.

O primeiro: um coreano, budista, que deseja aprofundar agora a ligação entre os ensinamentos de Buda e a política para a unidade; dois da República Democrática do Congo, perturbada pela turbulência do adiamento das eleições, ambos a trabalhar na transparência e na democracia e afirmaram: «Nós somos de dois partidos diferentes e teríamos tudo para nos separarmos, mas permanecemos unidos para o bem do nosso País».

*Letizia De Torre, Miguel Aguado*



## Focolares temporários

# A vida que cresce

Como em 2015 (ver Mariápolis agosto-setembro), também este ano, em diversas partes do mundo, os «focolares temporários» ganharam vida, durante uma semana ou um mês. Focolares compostos por focolarinos ou focolarinas, e muitas vezes também por pessoas de outras vocações da Obra.

Aproveitando as férias, deslocam-se para terras longínquas, para se encontrarem com a comunidade desse local e fazer com ela uma forte experiência de unidade e de irradiação do Ideal. Por motivos de espaço, limitamo-nos a citar só alguns dos muitos focolares temporários de 2016, que se realizaram de norte a sul do mundo.

### No Chade, na África central

O focolar temporário no Chade era bastante heterogénio: Nicole, focolarina em Yaoundé (Camarões), Chris, focolarino em Douala, Gery e Elvis, gen2 e Chantal, aderente, casada, que, de 3 a 17 de julho, conseguiram ir, graças ao generoso contributo das respetivas comunidades locais, que lhes deram o que lhes faltava para a viagem.

No ano passado, em N'Djamena, realizou-se a Mariápolis, e foi ali que as focolarinas e os focolarinos dos Camarões se deram conta da necessidade de não deixar sós as várias comunidades, nascidas com religiosas e religiosos atualmente transferidos para outros lugares. Em **Moundou**, onde o focolar temporário se concretizou de 3 a 10 de julho, a primeira visita foi a mons. Joachim Kouraley (bispo amigo), feliz com esta iniciativa porque, disse: «O Movimento dá a possibilidade de descobrir o que é essencial na fé cristã». Depois, o focolar transferiu-se (10-11 julho) para **Pala** e de 12 a 17 para **N'Djamena**.

Em todos estes lugares realizaram-se encontros frutuosíssimos com jovens, famílias, grupos. Foram tocantes as experiências das pessoas que participaram: um pai de família cujo matrimónio se salvou graças ao Ideal; uma religiosa, que tinha sido enviada pelo Bispo para passar



Chade. O bispo de Moundou com o Chris e a Nicole



Chade. Em N'Djamena, Costanza, uma aderente, com um jovem e com Elvis, gen2 dos Camarões



Gabão. Hervé, Gustavo e Kevin recebidos em Libreville

um período em Fontem, porque queria deixar a congregação, reencontrou ali a sua vocação; um senhor que, vendo-se já velho, decide que não quer morrer sem primeiro transmitir aquele Ideal que iluminou a sua vida. E fez de tudo para retomar os contatos com o Movimento, de que tinha perdido o rasto por causa das muitas guerras que viveu.

### No Gabão, na África equatorial

Em **Libreville** (capital do Gabão), Augustin e Jeanne, uma família-focolar que se transferiu do Congo por causa da Obra, receberam Hervé, focolarino do Burundi, Gustavo, focolarino argentino e Kevin, gen dos Camarões. Vivem numa casa que o Arcebispo Basile MvéEngone, amigo do Movimento, colocou à disposição, casa que ele e a comunidade consideram, para todos os efeitos, um focolar. Depois de receber a sua bênção, os nossos três foram para **Port Gentil**, acolhidos por Bea e Evariste, responsáveis da comunidade local, que os alojaram – hóspedes das irmãs salesianas – num apartamentinho que, de 7 a 14 de julho, se tornou no focolar, isto é, na casa de todos. Logo que chegaram, enquanto se estavam a organizar para ir às compras, eis que chegam pessoas da comunidade com sacos de comida, bebidas, água e um jantar pronto para comerem juntos, criando imediatamente um clima de

fraternidade realmente especial. Começa-se com a visita ao bispo E. C. Ogbonna, Managwu que os recebeu com cordialidade e lhes deu a bênção. Naquela semana a porta do focolar esteve sempre aberta e as visitas sucederam-se. Chovem convites para almoços ou jantares, que dão a possibilidade

de conhecer os vários membros de uma comunidade viva, unida, desejosa de ir para a frente, ajudando-se concretamente. «A característica destes dias – escreve Hervé – foi viver no meio das pessoas, ajudando a limpar a casa, acender o fogo com a lenha, preparar as refeições, lavar a loiça. Recebemos muito amor, muito mais do que procurámos dar».

De 14 a 16 de julho, uma surpresa, fazem uma excursão ao interior do país, a **Lambaréné**, na floresta equatorial: uma imersão plena na vida das aldeias. Numa piroga, sobem o rio Ogooué, contactando com uma vida privada de qualquer *conforto*, mas largamente recompensados pela exuberante e sã natureza. Os chefes das aldeias acolhem-nos como uma «presença de Deus e uma bênção para as suas famílias».

### No norte da Europa: nas ilhas Lofoten (Noruega)

Foi o p. Gunther – pároco em Harstad (Noruega), a única paróquia católica da parte setentrional das ilhas Lofoten – que pediu a René (Nuldi), focolarino suíço da Mariápolis Romana, sacerdote, que voltasse também este ano. Não só para as férias, mas para levar o espírito dos Focolares àquela terra de diáspora, fortemente secularizada. E também para que ele o substituísse enquanto ia a Ottmaring para conhecer o focolar

sacerdotal. Foi assim que, de 13 de maio a 7 de junho, a sua residência canônica se transformou num focolar temporário.

Para além de Nuldi e Christian, focolarino suíço da Zona de Itália, durante alguns dias estiveram em **Harstad** duas focolarinas de Oslo: Elma e Letizia. Os primeiros contactos foram com os católicos (1,06% da população), dos quais muitos são imigrantes – filipinos, polacos, eritreus, vietnamitas, etc. – que, na Noruega, encontraram um bom acolhimento e trabalho. «Fizemos encontros e catequese para adolescentes, fomos de barcaça até comunidades longínquas: oportunidades únicas para estabelecer relacionamentos profundos e falar do Movimento. Com aconteceu com aquela família de médicos alemães, que estão em Harstand há 10 anos, ou com a senhora croata, católica, que, com o seu companheiro norueguês, nos convidou para almoçar na sua *hütte* (cabana) no meio dos bosques de bétulas.

Com uma viagem de sete horas no *hur-tigruten* (o famoso navio postal que passa ao lado dos fiordes), Nuldi e Christian foram a **Tromsø**, a prelatura mais setentrional do mundo, que pertence ainda a Harstad. Aqui o bispo, mons. Berislav Gric, recebeu-os com grande reconhecimento, encorajando-os a



Em Harstad, com as focolarinas

voltarem o mais rapidamente possível. Nuldi também foi a **Kiruna**, na Suécia, passando pela terra dos «Troll», perto da fronteira finlandesa, para celebrar a Missa num convento de irmãs contemplativas: uma boa ocasião para dar a conhecer a espiritualidade da unidade, a 2000 quilómetros do focolar. «Na Noruega – dizem Nuldi e Christian – a periferia de que fala o papa Francisco não é tanto existencial, quanto geográfica. Para chegar a uma igreja católica fazem-se quilómetros e quilómetros. Nas celebrações, às vezes, encontram-se pessoas de outras Igrejas e religiões, como dois refugiados sírios, drusos, que ficaram tocadíssimos com o Ideal que era anunciado. «Bastou o contacto com estes dois jovens – diz Nuldi – para nos convencer que tinha valido a pena ir tão longe e, possivelmente, voltar».

Com efeito, algumas semanas depois, outros dois focolarinos de Estocolmo (Pierluigi e Patrick) e Vicente do focolar de Bilbao, de 6 a 28 de julho foram até Harstad, para um segundo focolar temporário. Ao p. Gunther nem parecia verdade que, nas missas dominicais, fossem os próprios focolarinos a explicarem o Evangelho através da «arte de amar»; que se misturassem com os paroquianos no tradicional «café e biscoitos para todos» oferecido depois da Missa; que com ele fossem distribuir os pacotes de alimentos aos pobres; e que, durante a semana, animassem encontros com as famílias e os jovens. Chegaram a organizar juntos, a 25 de julho, um passeio em que participou toda a paróquia.



Christian e Nuldi com o bispo de Tromsø Berislav Gric diante da ilha de Sommarøy (no norte da Noruega)

por Anna Friso

## No Brasil «Vive este sonho!»

No 13° Forum dos Jovens para a unidade, no Nordeste brasileiro, ensaio geral para um mundo mais fraterno, começando pelos relacionamentos verdadeiros entre os participantes

Faz com que 250 adolescentes de cinco dos estados do Nordeste brasileiro invadam a Mariápolis Santa Maria durante cinco dias, dá-lhes um tema: «Mundo Unido: Vive este sonho». E depois aprecia a vitalidade exuberante, a alegria contagiosa mas também a confiança e acolhimento recíprocos, que geram uma partilha inédita do que se viveu e a profundidade de muitos passos interiores.

Foi isto que aconteceu no final de junho, no 13° Forum Jovens para a Unidade, que, como é costume, foram os próprios jovens que organizaram e conduziram. «Um mundo mais fraterno» é o sonho apontado pelos jovens, que se puseram em ação para dar vida a um laboratório de fraternidade e mostrar que, apesar das diferenças, é possível uma sociedade mais justa, solidária e harmoniosa.

«O Forum renova-me sempre... dá-me a certeza que, apesar do que acontece no mundo, há pessoas que lutam por um ideal que não passa: o amor». É a impressão da Marina. Mas, para muitos dos que esbarram nesta experiência pela primeira vez, é também assim. E, entre todos, dia após dia, nascem relacionamentos verdadeiros.



O programa? De manhã debates acesos, com «especialistas», sobre relacionamentos sociais, ética, política, economia, com ideias e experiências de como mudar o mundo, começando por eles e pelos seus ambientes. À tarde, arregaçam-se as mangas e vão aos orfanatos e aos lares para pessoas idosas: «Não importava se tínhamos de pintar ou lavar o chão, brincar com as crianças ou conversar com os idosos, sentimo-nos todos especiais. foi como se descobrissemos novos caminhos para um mundo unido».

À noite é o momento de ir em profundidade, com reflexões de caráter espiritual, que muitas vezes levaram a dar passos fortes. Como quando se falou do perdão. Quando voltou do Forum, um rapaz de quinze anos escreveu: «O meu pai abandonou-nos, à minha mãe e a nós seus filhos. Há alguns anos ele procurou-me, mas eu não o quis conhecer. Agora pedi à mãe para lhe telefonar. Disse-me que não estava contente com o que tinha feito. Falei-lhe do perdão e que todos devem ser perdoados, disse-lhe que aprendi a amar e a ver Jesus em todos».

Como podemos imaginar, teatro, música, danças, um caleidoscópio explosivo de vida e de alegria animou o Forum. Entre lágrimas e abraços despedimo-nos no último dia e, para além das palavras, lê-se nos olhos o empenho em tentar tornar realidade o sonho que construímos juntos. Encontro marcado no Forum 2017!

*Ao cuidado de Renata Maciel, Vera Araújo*



*A festa da Assunção de Nossa Senhora lembra-nos mais uma vez a Mariápolis celeste, enriquecida recentemente com os filhos e filhas de Chiara: Bruno Venturini, quatro outros focolarinos e focolarinas e muitos da Obra nos seus ramos*

## Bruno Venturini

*Testemunha da misericórdia*

Focolarino da primeira hora, verdadeiro homem de Deus. Estas são duas das muitas características que definem a figura de Bruno Venturini que, a 1 de agosto, com 90 anos, levantou voo para o Céu, para se juntar à fileira de pioneiros que, com Chiara Lubich, plasmaram no seu início a Obra de Maria.

A sua é uma história cativante. Em 1949 Graziella De Luca – uma das primeiríssimas companheiras de Chiara – vai a Pistoia para se encontrar com Pasquale Foresi e, como tinham dito ao Bruno, ao convida-lo para a conhecer, para «falar do Evangelho». Ele tem 23 anos. O pai não era crente, mas Bruno formou-se «à sombra do campanário», movido pela forte exigência, até àquele momento não satisfeita, de ver na Igreja o entusiasmo dos primeiros cristãos. Depois de ter ouvido a experiência do primeiro focolar, pensou: «Formidável, mas demasiado bonito para ser verdade». Na noite seguinte volta a encontrar-se com a Graziella e, ainda fulgurado pelo relato da sua experiência de Evangelho vivido, sai da sala olhando à volta «para reconhecer um irmão em cada um que encontrava». O anúncio daquela rapariga, tem para ele a dimensão de uma revolução. De uma pessoa



«desajeitada, fechada, sem consistência» (são ainda palavras suas), o Bruno aprende a abrir-se ao próximo que lhe passa ao lado, tornando-se para quem o encontra um testemunho vivo do amor de Deus.

Da passagem de Graziella nasce naque-

a cidade um grupo de jovens que querem viver o Evangelho. Passa algum tempo e, na vizinha cidade de Florença, abre-se o focolar, com Silvana Veronesi – a mais jovem das companheiras de Chiara. Bruno é um assíduo frequentador, muitas vezes acompanhado de outros jovens que, tocados pelo seu testemunho, desejam aprofundar a espiritualidade de Chiara.

Em 1952 deixa tudo e entra no focolar. Esteve em Florença, Roma, Castelos Romanos, Turim, Palermo e depois em Milão, onde ficou durante 11 anos como corresponsável do Movimento para a Itália do Noroeste. Anos intensos em que construiu relacionamentos significativos com muitos, com a confiança de um pai e a delicadeza de uma mãe. Contactos que, na maior parte dos casos nunca se interromperam, mesmo quando o Bruno foi chamado para outros lugares. Com efeito, as pessoas eram atraídas por esta figura que sabe escutar, acompanhar, encorajar, corrigir, com uma liberdade plena. E a quem se refere à sua capacidade de levar tantas almas a Deus, ele declara que não tem nenhuma estratégia especial a não ser o desejo de construir relacionamentos verdadeiros.

Em 1978 é chamado ao centro do Movimento. Completou os estudos de teologia e foi ordenado sacerdote. Durante mais de 30 anos, muitos deles trabalhando com a Giosi Guella (uma das primeiras focolarinas), foi-lhe confiado o aspeto da economia e do trabalho, fazendo a experiência quotidiana da Providência, cuja intervenção vem – são palavras







suas - diretamente das mãos de Deus, que é Amor. Em todos estes anos ele dá a toda a Obra a sua característica, de viver a pobreza evangélica, o seu desapego de tudo, na certeza, para além da vida eterna, do cêntuplo já nesta Terra em casas, irmãos, bens. E, sobretudo, a graça de perceber a riqueza de Deus na sua alma. Nas suas muitas viagens, o Bruno levou às zonas a mensagem de uma pobreza que nasce da comunhão, antes de tudo dos bens espirituais. A sua era uma transparência nutrida pela constante proximidade a Chiara, como membro do Conselho da Obra e como sacerdote que todos os dias ela chamava para celebrar a Missa, na sua capela privada.

Mesmo depois de ter deixado os seus vários encargos (2008), o Bruno não deixa de amar de maneira simples e autêntica, iluminando com o seu sorriso e a sua serenidade todos os que encontra. «Sinto – diz, falando com alguns jovens focolarinos – que não tenho nada a ensinar. Pelo contrário, tenho de aprender com todos, até com um gen3 ou um gen4». E, numa outra ocasião: «Se olho para a minha vida, houve certamente momentos difíceis... mas nunca duvidei do amor de Deus, nunca me faltou a certeza da escolha que fiz».

É significativa a consonância da sua vida com a palavra de vida que Chiara lhe deu: «Aquele que perseverar até ao fim, será salvo» (Mt 24,13). De uma entrevista de 2015: «Neste verão senti uma quebra física, psicológica, como se de repente estes quase 90 anos que já tenho fossem postos em evidência e eu sentisse o seu peso todo. Então disse: "Já não tens as forças de antes, já não tens a capacidade... está bem, é a vida! Vai em frente!" Sentia que, neste perder tudo, se estava a realizar aquilo que Jesus sempre me pediu para fazer: perder. Finalmente consegui dizer a Jesus aquele Sm que lhe tinha prometido há

60 anos. E dei-me conta que não é preciso fazer sabe-se lá o quê, mas "ser", fazer a nossa parte, viver momento a momento, aceitando tudo. Porque, quanto mais "não formos", mais "somos"».

Numa sua mensagem-video de 24 de abril deste ano: «Já não tenho forças, mas estou contente. Nesta nova aventura vivo o momento presente e nada me falta. Só desejo uma coisa: colocar Jesus no meio com cada um de vocês, para se ser uma dádiva recíproca e para a humanidade à nossa volta. Para mim não há nenhum outro remédio: só construir cada vez mais a família. Nos anos passados – tantos anos! – fizemos um pouco a experiência e agora tenho-a ainda mais viva do que naqueles anos, porque sinto a sua essencialidade, o seu valor. Estou convosco, com cada um. Cada uma das vossas cruces, agora é minha. E confio também a minha, para que seja capaz de a levar até ao fim, de a viver como Deus quer».



Jesús Morán, não podendo estar presente no funeral, escreveu: «O Bruno comunicava Deus com toda a sua vida, visto que não conhecia outro modo de viver que não fosse no amor e por amor. Diante do Bruno é difícil não reparar no forte testemunho de uma santidade pessoal verdadeira, concreta e pura, na vida e na morte». E a Emmaus, ao dar a notícia a toda a Obra da sua «partida», escreve: «O Bruno foi, para muitíssimas pessoas, um verdadeiro testemunho da Misericórdia infinita de Deus, que agora, sem dúvida, experimenta em plenitude».

Não é possível aqui dar voz às centenas de pessoas de todas as idades, países e convicções

religiosas que se manifestaram, gratas ao Bruno pela aventura de terem sido acompanhadas e amadas como «filhos únicos». Dele recordamos o amigo, o testemunho, o mestre, o companheiro de viagem, que até ao fim viveu com serenidade e simplicidade a sua maravilhosa aventura de cristão e de focolarino.

## Hannelore Mai

*Pioneira da Cortina de Ferro*

A Hannelore nasceu na Alemanha e, em 1970, começou a frequentar as reuniões do Movimento que, naquela altura, por causa do regime político, se faziam clandestinamente. Teve a graça de conhecer Natalia Dallapiccola, a primeira companheira de Chiara, tendo sentido a chamada a doar-se a Deus, como focolarina casada. Também Franz-Josef, o marido, partilhou esta escolha, e, com os quatro filhos, eram uma esplêndida família-focolar. Enfermeira de pediatria de profissão, a Hannelore dedicou-se intensamente ao desenvolvimento do Movimento, trabalhou também na paróquia e apoiou alguns projetos sociais.



Nos anos 80', adoeceu gravemente, mas conseguiu ultrapassar a doença. Em abril de 1990 participou, pela primeira vez, na escola de focolarinas casadas, no Centro da Obra: «Não encontro palavras para te agradecer o suficiente - comunicou a Chiara -. Pude constatar palpavelmente a presença de Jesus e ver o céu aberto. Quero viver sempre com este fogo, de modo que todos sintam o amor infinito de Deus».

Em 2010, surgiu de novo a doença. A Hannelore disse o seu Sim e a união dela com Deus tornou-se cada vez mais visível. No dia 15 de junho, escreveu ao seu focolar: «Pensei na minha vida e concluí que foi rica e cheia. Agora, vivo esta última etapa pedindo a Deus que consiga vivê-la bem e com a plenitude do amor.

Estou muito agradecida pela "pérola preciosa" do Ideal que impregnou e orientou toda a minha vida. Quero oferecer tudo pelo "Ut Omnes", começando pelos relacionamentos diários com a família e com as pessoas que me vêm visitar». Alguns dias depois, no dia 26 de junho, o Franz-Josef escreveu: «Hoje, a Hannelore chegou à meta da sua santa Viagem. Adormeceu tranquilamente, e agora encontrou a paz que ela bem merecia».



## Alfonso Hidalgo Martin

*«A tua Palavra é farol para os meus passos e luz para o meu caminho» [Sal 118 (119),105]*

O Alfonso vivia em Las Palmas (Ilha da Gran Canária, Espanha), tendo recebido desde jovem uma sólida formação cristã. Era casado com a Maria Ester e tiveram sete filhos, um dos quais, o Juan Alfonso, que se tornou também focolarino casado. Quando conheceu o Movimento, sentiu uma forte vontade de se doar a Deus no focolar, que, porém, ficava a 2000 quilómetros da sua cidade. Começou assim a sua aventura de santidade, encontrando

numerosas ocasiões para se manter em contacto assíduo com o focolar e construir a Obra no seu ambiente.

A partir de 1987, começou a ter graves problemas de saúde. Antes de se submeter a uma intervenção cirúrgica ao coração, escreveu: «Sinto-me atraído por aquela total obediência de Jesus ao Pai e àqueles dois amores: Jesus Abandonado e Maria Desolada». O Alfonso foi fiel a este propósito durante a sua longa doença, assumindo em paz as suas fragilidades e reconhecendo nelas o rosto de Jesus Abandonado, a quem se tinha consagrado.

Alguns focolarinos, que o tinham conhecido quando eram gen, testemunham: «Agradecemos-lhe pelo amor que nos deu, alimentando-nos, cuidando e ajudando muitos de nós a crescer no Ideal. A sua vida e as suas experiências concretas ensinaram-nos a viver. Se somos de Chiara, é porque fomos formados por ele».

Deixou serenamente este mundo no dia 8 de junho, com 78 anos de idade, continuando a repetir até nos últimos momentos: «O que importa é Deus».

## Jorge Affanni

«De nada me quero gloriari, a não ser na cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo» (cf. Gal 6,14)



O Jorge nasceu em Buenos Aires (Argentina), e logo que se licenciou em medicina recebeu uma bolsa de estudo para um doutoramento em Pisa (Itália). Com a mulher, a Pina, veio para a Itália. Um domingo, para proteger a sua menina da chuva, compraram, à porta da Igreja, a revista *Città Nuova*, que tinha precisamente a medida certa para cobrir o carrinho de bebé. Quando chegaram a casa, utilizaram-na para limpar os sapatos. À tarde deram uma vista de olhos à revista, e ficaram comovidos por causa dos seus conteúdos. Anotaram o endereço do focolar mais próximo (Roma) e, fascinados pela história do Movimento, inseriram-se na comunidade de Pisa. De regresso à Argentina, o Jorge participou na Mariápolis e sentiu logo o chamamento à vocação de focolarino casado.

Investigador em Neurociências, completou a sua formação em Oxford, Cambridge e outros centros da Europa. Realiza conferências na América, Japão, Rússia, no Vaticano, onde tem encontros pessoais com João Paulo II. Nas suas investigações científicas tem sempre em salvaguarda o bem da pessoa humana. Os seus alunos testemunham a sua grande cordialidade e a paixão por fazer deles profissionais válidos.

Colabora com o Centro da Obra como externoda Escola Abbà e, na Zona, nos diálogos interreligioso e ecuménico. Dos seus quatro filhos, uma é focolarina casada e duas são voluntárias.

Ultimamente, o Jorge passou por momentos de imobilidade, mas continuou a viver em comunhão constante com a Obra. Em 2013 a sua esposa, a Pina, deixou esta Terra e o Jorge sofreu muito por causa disso. Em julho de 2016, teve de se submeter a uma delicada intervenção cirúrgica. Consciente do risco, reuniu a família e confiou às filhas o compromisso de manterem sempre a unidade. Não resistiu à intervenção.

No dia 31 de julho, com 84 anos, este homem extraordinário, um grande cientista, um simples focolarino, voltou para a Casa do Pai.

## Michael Luther

«O Reino de Deus está no meio de nós» (Lc 17,21)



O Michael, focolarino casado de Hannover (Alemanha), estava a dar um passeio de bicicleta com um amigo, quando, de repente, caiu e morreu. Tinha apenas 50 anos. Desde criança que o Michael vivia o Ideal com os seus três irmãos, sendo um deles o Thomas Roggen Kamp, neste momento focolarino na Argentina.

Pai de três filhos (a Anne, o Tom e a Pai), com a mulher, a Claudia, o Michael dedicou-se a acompanhar outras famílias. O método que usavam para construir a comunhão era tão atraente que o número de participantes estava sempre a crescer, despertando o interesse também de pessoas que não pertenciam ao Movimento. No focolar, foi sempre um alegre, grande e valioso contributo à vida de Jesus no Meio. As suas experiências eram concretas, autênticas e construtivas.

Era diretor administrativo numa empresa de instalações de centrais hidráulicas, cargo que desempenhou com muita competência e dedicação e que não foi obstáculo para a vida da Obra nem para muitas outras das suas atividades. O Michael, pela sua profundidade e capacidade de compreender o lado otimista da vida, deixou um exemplo luminoso de uma vida plena e de um espírito criativo, tendo, sem dúvida, como objetivo o «*Ut omnes*».

## Catherine Achara Phongphit Buathong

«Ninguém tem mais amor do que aquele que dá a vida pelos seus amigos» (Jo 15,13)



A Achara, voluntária da Zona de Bangkok (Tailândia), no dia 23 de julho, com 63 anos, partiu para o Céu, rodeada pelos seus familiares (entre eles a irmã

Paviss, focolarina) e pela oração da comunidade. Desde pequena que demonstrava ter um grande coração e uma atenção particular para com as necessidades dos outros. Com 17 anos, conheceu o Ideal e começou logo a vivê-lo na família e com os colegas de trabalho, amando todos sem distinção.

Em 1978, a Achara - nome confirmado por Chiara e que significa «Como um anjo» - casou-se com um budista e tiveram dois filhos. Para ela, ser voluntária de Deus queria dizer colocar Deus em primeiro lugar. Escreveu: «Deus é o centro da minha vida e nada mais. Escolhi um trabalho que me permite ter mais tempo de férias, apesar de o ordenado ser inferior. Assim tenho mais tempo para trabalhar para Deus».

Em 2000, foi-lhe pedido para ser Delegada das voluntárias da Zona. Apesar de ser tímida e humilde, aceitou, com a certeza do amor de Deus e da graça de Jesus no meio. Escreveu: «Deus não precisa da minha inteligência, da minha capacidade ou da minha habilidade: quer o meu coração». Devido às suas várias responsabilidades (família, trabalho, ramo da Obra), às vezes sentia algum cansaço e falta de coragem «mas abraçando Jesus Abandonado - contava - cada vazio é preenchido e encontro a força de ir em frente». Partiu para a Mariápolis Celeste num sábado, dia de Nossa Senhora: «Sim, - salientou a Emmaus - certamente será recebida por Ela, por Chiara e pelos nossos da Mariápolis Celeste, com muita festa».

*Veronika Semmler*

## P. Luis Lei Xavier

*Cumpriu plenamente a sua missão*

Sacerdote focolarino da Diocese de Macau (China), o P. Luís conheceu o Ideal quando estava ainda no Seminário e, depois de se tornar sacerdote, participou na Escola Sacerdotal, primeiro em Frascati e mais tarde em Tagaytay.

Percorreu todas as etapas da «via Marie» - também as do sofrimento - sem nunca deixar de irradiar o Ideal ao seu redor, começando pela sua família. Na

Diocese, desempenhou várias responsabilidades, tais como a de pároco da Catedral e, ultimamente, a de vigário geral.

A Agnes, responsável das focolarinas, no Centro da Obra, a quem ele tinha dado a conhecer o Ideal, escreveu: «O amor e a estima que o P. Luís tinha pelas focolarinas e pelos focolarinos foram sempre muito grandes. Inventava trabalhos para elas e quando alguma delas ia a Macau, fazia com que descansassem e ia às compras para depois ser ele a cozinhar». Apesar do agravamento da doença, preparou para cada uma das focolarinas do Gen Verde, que chegaram à sua cidade poucas horas antes da sua morte (no dia 16 de fevereiro, aos 67 anos de idade) uma prenda para o novo ano lunar.

Sobre ele, foram muitos os que testemunharam que era «alguém que cumpriu plenamente a sua missão na Terra». Uma sua irmã, focolarina em Lisboa, escreveu: «Sinto-me predileta por ter um irmão assim. Tenho a certeza que também agora o P. Luís continuará a trabalhar pela Obra, fazendo nascer muitas vocações para a Igreja».

*Eddie Huesh*

## Malia Ofa Musulamu

*O Pacto, o alicerce da sua vida*

A Malia foi uma das raparigas da ilha Wallis-Futuna (Oceânia) a conhecer o Movimento: em 1976, precisamente na sua ilha (Futuna), realizou-se a Mariápolis. Pouco tempo depois casou-se com o Kapeliele e, em 1983, foram um dos três casais que, pela primeira vez, participaram na Escola Loreto de Loppiano. Ficaram durante quase um ano: uma importante experiência de formação que os fez compreender profundamente a realidade de Jesus Abandonado.

Depois de regressar e tendo-se tornado voluntária, a Malia procurou viver o Ideal com todas as suas forças, apoiando todas as pessoas que também o procuravam viver e disponibilizando a sua pequena casa para os encontros e recebendo também lá pessoas, sobretudo as focolarinas.

Há alguns anos, adoeceu com gravidade,





## Anthony Hsueh

«Quero aquilo que Deus quer»

O Anthony nasceu em Shanghai (China), cresceu em Hong Kong e, depois de ter acabado o liceu, foi para a Universidade em Montreal (Canadá). Conheceu o Ideal da unidade quando o seu irmão Eddie (agora responsável da zona de Hong Kong) partiu para frequentar a Escola de Loppiano. O Anthony encontrou na Obra a sua família espiritual e, apesar de o focolar de Toronto ficar a uma distância de 600 Km, manteve-se constantemente em contacto. Quando terminou o curso de dentista, decidiu mudar-se precisamente para Toronto não só para trabalhar, mas também para estar mais próximo dos focolarinos.

Tornou-se logo um voluntário de Deus. Sendo um generoso suporte para a Obra, acompanhava os focolarinos nas suas viagens a vários locais da região. Foi delegado dos voluntários do Canadá e do Háiiti, desde 2002 até setembro de 2014. Desempenhou este papel com descrição e com espírito de serviço, doando-se sem medidas e sem se fazer notado.

O Anthony foi um amigo, um verdadeiro irmão, um modelo de fidelidade, a par de uma simplicidade que punha de parte qualquer orgulho. Pela sua profunda espiritualidade e pelo seu grande amor aos pobres (crianças e imigrantes) a quem tratava gratuitamente, foi uma pessoa com quem muita gente pôde contar.

Na noite anterior à sua «partida» - no dia 5 de junho,

mas isso não fez com que deixasse de receber as pessoas e ajudasse a organizar os encontros do Movimento. Nos últimos meses, teve de ser internada em Noumea (Nova Caledónia) e a comunidade viveu com ela uma forte experiência de unidade e de amor recíproco, que continuou e se intensificou quando depois voltou para casa. Todos rejubilaram pela sua felicidade e gratidão a Deus e a Chiara por ter tido a dádiva do Ideal.

No dia 7 de junho, em paz, com 57 anos, partiu para o Céu. No funeral, com a igreja cheia de pessoas da aldeia, foi lido o Pacto do amor recíproco, o alicerce da sua vida.

Lucia Compostela

com 69 anos de idade - os focolarinos foram visitá-lo ao hospital. Estava muito fraco, mas reuniu todas as suas forças para os receber e «dar as boas-vindas a Jesus presente no meio deles». Restava-lhe ainda um fio de voz e usou-o para confirmar aquilo que, toda a sua vida, testemunhou: «Quero aquilo que Deus quer!».

Jacques Maillet

## Marie Stossich

A telefonista da rainha

Uma voluntária da Tasmânia (Austrália), deixou a casa dos pais aos 16 anos para trabalhar como telefonista. Executa tão bem a sua profissão que acaba por ser selecionada para telefonista da rainha Elizabetta, quando esta visitou a Áustria. Nessa altura conheceu o Matteo, que depois viria a tornar-se o seu marido e a ajudaria na descoberta da fé católica.

Juntos compram um estabelecimento de comida. A Marie sente-se feliz pois assim tem a possibilidade de contactar com muita gente. Quando o Matteo adoeceu gravemente, ela conheceu o movimento. Nesse momento de tão grande prova que o levaria à morte, foi para ela uma luz. Vivendo sustentada pelo amor a Jesus Abandonado, ela torna-se um pilar da comunidade em Launceston. A sua casa é o centro da vida e atividades do movimento na Tasmânia, que ela, em unidade com as focolarinas de Melbourne, acompanha.

A sua simplicidade, o seu amor e humor são contagiosos. É instantânea a unidade com ela. A sua fidelidade a Jesus Abandonado mantém-na também na dura prova da perda de um dos filhos.

Em 2012 adoece com Alzheimer e tem que ser internada. Os filhos e a comunidade continuam a visitá-la com grande amor. As suas faculdades tornam-se cada vez mais reduzidas, mas todas as vezes que alguém diz o nome «Chiara», a Marie ilumina-se e faz um grande sorriso. No dia 25 de maio, aos 85 anos, conclui a sua santa viagem.



Lucy Inocencio

# Um rasto de luz

## Obrigado, Paulo!

Como muitos já sabem, o Paulo José Melo, corresponsável do Movimento em Portugal, deixou-nos no passado dia 12 de Setembro, depois de uma doença muito repentina e de rápida evolução.

Ele veio do Congo para Portugal em Fevereiro de 2015 e ficou corresponsável a partir de Junho, há pouco mais de um ano. Foram meses muito intensos em que o seu estilo imediato e generoso tornou possível fazer florescer muitos relacionamentos e que se desse andamento a realidades importantes, sobretudo na cidadela Arco-íris. Foi um amigo e um irmão muito próximo. Mesmo depois de saber que estava gravemente doente, não deixou de participar na festa das bodas de prata de uma família e na missa das bodas de ouro de outra. Foi ainda ao casamento de uma sobrinha, perto da Guarda, porque sabia que seria amor para eles.

Os vários testemunhos que publicamos dão uma pequena ideia da grandeza deste focolarino.

A Emmaus mandou o seguinte mail a toda a Obra, a anunciar a sua partida:

*Rocca di Papa, 15 de setembro de 2016*

*Caríssimos e caríssimas,*

*O **Paulo José Melo**, focolarino co-responsável do Movimento em Portugal, chegou à Mariápolis Celeste, no dia 12 de Setembro, devido a uma doença grave que se manifestou repentinamente, no auge da sua atividade na Obra.*

*O Paulo deixa a quem o conheceu um forte testemunho de vida generosa e radical, vivida com autenticidade e sabedoria, com uma abertura e um amor*



*para com todos que eram fruto da sua profunda relação com Deus.*

*Unidos na gratidão por este nosso irmão que concluiu, na plenitude, a sua Santa Viagem, rezamos por ele.*

*Para partilhar alguns momentos mais importantes da sua vida, transcrevemos uma síntese do perfil que foi lido no funeral, realizado na passada quarta-feira, dia 14 de Setembro, em Portugal.*

*Em Jesus Abandonado-Ressuscitado,  
Emmaus*

E, diretamente para nós, no dia da partida:

«Hoje «Resistimos» à Resignação! (faz referência à passa-palavra desse dia, uma frase que, inspirada na liturgia diária, os membros do Movimento se esforçam por viver). Agradecemos a Maria a santidade do Paulo.

Estou convosco neste momento e saúdo especialmente a Mãe do Paulo, os irmãos e todos os familiares.

*Emmaus»*



**De toda a comunidade da República Democrática do Congo, onde o Paulo deixou uma marca de luz:**

«Caríssimo Paulo, Hoje acordámos diferentes. Depois de uma noite especial, a que marca para ti o início de uma luz perene. Enquanto nós estaremos a seguir a lei da natureza, com a sucessão dos dias e das noites. À espera do dia do nosso encontro!

Lemos uma vez, duas vezes as mensagens sobre a tua partida mas não acreditávamos. Parecia-nos estar a sonhar.

Mas agora sentimos que não ficámos mais pobres, pelo contrário, com a tua chegada lá em cima, nós tornámo-nos mais fortes. Agora o teu amor permanece com uma tal intensidade que nos manterá sempre de pé. Sabemos que já estás com Chiara, com Iginio Giordani, Chiaretto, Graziella, com o teu Pai e tantos outros que nos são queridos e que te precederam.

Tu realmente foste sempre um focolarino próximo de cada um de nós, um verdadeiro apóstolo da unidade. Com uma grande sede de Deus e sabias onde encontrá-Lo: no irmão. Sempre acreditaste em nós. Nunca chegaremos a quantificar o tempo que viveste a ouvir-nos tornando sempre teus os nossos problemas. Isso não era uma casualidade mas sim um forte testemunho de um amor especial pelo teu e nosso esposo: Jesus abandonado. Foste um irmão exemplar para todos nós.

Neste dia, em que te acompanhamos à tua última morada, a igreja festeja a exaltação da cruz. Uma festa muito amada por ti e por nós. Sempre acreditaste que o amor vence, que o amor arrasta. Agora estás frente a frente com o Pai, pede-Lhe a graça de O procurarmos através do irmão como a tua vida sempre nos ensinou.



Esta morte não nos impedirá que te amemos. Uma vez mais dizemos-te que temos um grande afecto por ti.

Muito obrigado, Paulo, e até breve!!»

*Toda a família do Movimento dos Focolares no Congo*

**E a Anz, que foi corresponsável com o Paulo no Congo, e está atualmente na Bélgica**

«Tive a graça de estar com o Paulo, como delegados da Obra no Congo, e posso testemunhar que foram anos de uma verdadeira unidade!

O Paulo dava corpo e alma pela Obra, em cada uma das suas realidades, com um entusiasmo tipicamente seu. Para ele nada era excessivo!

Tinha uma grande capacidade de escuta. Com ele vinha muito de relevo «aquela terceira realidade», que era fruto da presença de Jesus no meio! Ele acreditava na unidade e confiava que também as ideias que recebia eram amor verdadeiro.

Nas inúmeras viagens que fizemos no imenso País, tivemos oportunidade de criar 'vida de focolar' e nele sempre encontrei um



## MARIÁPOLIS NOTICIÁRIO INTERNO DO MOVIMENTOS DOS FOCOLARES

Revista mensal • Número avulso: € 1,50 • Ano XXXI • Julho, agosto e setembro de 2016 • Propriedade: Movimento dos Focolares (Obra de Maria) • Morada: **Cidadela Arco-Íris • Rua Senhora da Graça, 60 • 2580-042 ABRIGADA • Tel.: 263 799 995** • Diretora: Filomena Viegas • Tiragem: 350 exemplares • Impressão e pré-impressão: Impresso na U.E. • Colaboradores: Sara Cruz • Isenta de registo na E. R. C. (ao abrigo do Decreto Regulamentar 8/99 de 9/6, Artigo 12º. nº1a) .



O D. Jorge Ortiga e muitos sacerdotes na missa de despedida do Paulo, na Cidadela. Vieram muitos focolarinos do Centro da Obra, representando a Emmaus.

com muitas pessoas membros do movimento que o recordam como ‘um grande irmãozaõ’»

### **Marga e Juan em nome de todos ‘os vossos’, de Espanha**

«[...]Para os que o conheciam pessoalmente, uma profunda gratidão a Deus por este irmão assim tão próximo, alegre, acolhedor, límpido. Foi imediato recolher-nos num novo ‘sim’. [...]»

### **e também de Portugal (só um retalho)**

«Caro Paulo! Ainda há 15 dias estivemos juntos, na cidadela, a festejar as bodas de prata do Paulo Santos e da Anabela (em Torres Novas). E a tua alegria sempre a irradiar sobre todos nós. Foste sempre assim: alegre, leve e livre porque soubeste sempre amar todos. Obrigada por tudo o que fizeste por nós e pela facilidade com que nos entendíamos. Nunca esquecerei o gesto que fizeste no ano passado: visitaste o meu pai no dia do seu último aniversário e ele ficou SUPER feliz. Foste um verdadeiro irmão. Sei que agora estás onde esperamos poder estar um dia: todos na casa do Pai. OBRIGADA PARA SEMPRE!»(Michaela Vaz Patto)»

*A redação*

irmão, o calor de um relacionamento humano e divino. Esta unidade construída na maior simplicidade era o que depois nós levávamos às comunidades que visitávamos.

Sabia discernir o que era importante fazermos nós e o que se podia delegar noutros. Isto era importante, porque no Congo a Obra é muito vasta. Cada passo que dávamos, era realizado com a convicção de que era Deus quem o queria, mesmo se, por vezes, fosse necessário fazer dolorosos cortes.

Era impressionante o amor que tinha pelo seu focolar, pelos focolarinos. Amava-os pessoalmente e tomava o tempo necessário para construir a família.

Embora eu tenha sido apanhada de surpresa pela sua tão inesperada partida, tenho o coração cheio de gratidão. Muito obrigado Paulo!!!»



### **Eric e Isabel Laranjeira – do focolar de Luanda, em nome de todos**

«Que surpresa a partida do Paulo para o Paraíso! Ele deixou as suas «pegadas» também aqui em Angola. De facto nasceu na Província de Kuanza Sul, em Gabela.

Há uns anos veio a Angola para conhecer as suas raízes e conseguiu estar

